

Carta
-0. NOV. 1998 1984

CARTA
PORTUGAL



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 55 — LISBOA, 4 DE JUNHO DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

A ESPOSA DO CHEFE DO ESTADO presidindo à distribuição dum bode aos pobres, em Queluz, durante as festas comemorativas do 28 de Maio.

panorama internacional

A BÓCA DA FORNALHA

por Francisco Velloso

NÃO será exagerado gloriar os acontecimentos com a verificação de que entramos na fase em que eles se tornarão decisivos. Ainda não se desenharam as linhas em que eles vão desenrolar-se, procurando os seus alvos políticos e militares. No entanto, a equação maior do conflito e da situação internacional aparece dentro das previsões feitas e nos limites em que a sua solução é possível e completa.

Por detrás desses acontecimentos iniciais está um mundo novo, cujo panorama ainda não se avista com exactidão em todos os seus contornos. Mas a ansiedade de se chegar ao fim pelo caminho das decisões supremas, já faz com que por toda a parte o clamor dos povos esmagados profiram a palavra *Amanhã*, com a fé indomável dos que creem na Justiça e na Liberdade, porque por elas sofreram a fome e o saque.

A INTERROGAÇÃO INEVITÁVEL



GOEBBELS

O mundo inteiro segue avidamente os lances da grande batalha russo-alemã em Karkov. Demonstra assásimamente a sua crescente agudeza o extremo cuidado com que os respectivos comunicados oficiais enunciam a sua evolução. O alemão, seguindo agora método oposto ao ri-bombantemente adoptado durante as batalhas de Moscovo e de Rostov em 1941, remete-se a uma consciência em que evidentemente perpassa o duplo fio de uma inteligente prudência e de um cálculo estratégico de ordem política, confiando às interpretações officiosas de origem francesa a parte, aliás conhecida, da propaganda conveniente, tanto mais fácil de fazer quanto o público não pode ler senão em inglês os relatos dos correspondentes dos jornais britânicos na Rússia e em Estocolmo.

Von Bock procurou encontrar diante de Karkov e por meio de um contra-ataque lançado na direcção de Barvenkova-Izium, o movimento de Timochenko sobre o triângulo Poltava - Krasnograd - Dnepropetrovsk dentro do qual se accentuara o avanço russo em Lovovaya. Desde o dia 25, de Londres diz-se que a situação vai a aproximar-se do ponto culminante e extremamente crítico de uma decisão, sendo lançadas enormes massas de gente e material na batalha que aumenta em considerável extensão. Acrescentava-se, porém, que não havia até quaisquer sinais de pressão alemã em Tanagerog. Há dias que os russos tinham saído da península de Kertch,

depois de ali bravamente se baterem, substituindo a sua acção por nutridos ataques de aviação. Os assaltos alemães na frente de Smolensko e no lago Ilmen não acusavam proporções. A 27, de Washington, o informador oficial da Casa Branca declarava que os Estados Unidos, reconhecendo a grande necessidade e urgência que a Rússia tem de material de guerra (há duas semanas um numeroso combóio anglo-americano descarregara em Murmansk e o envio de material pelo Golfo Pérsico não cessa) resolvera reforçar consideravelmente os fornecimentos de armas e munições àquêle país.

Parece-nos que o essencial para uma compreensão geral da batalha de Karkov se contém, neste momento, nos factos que deixamos indicados. Diante dêles, tudo se resume, talvez como no primeiro dia em que o grande marechal russo respondeu à offensiva alemã na Crimeia abrindo a batalha, em saber se, uma vez alquebrada a actual manobra alemã de envolvimento da balsa de Lozovaya, Timochenko poderia recomençar a fundo o avanço que levava, e se o marechal alemão, uma vez conseguida aquela manobra, obteria uma rutura na frente russa que lhe rasgasse os caminhos do Caucaso. A guerra, sobretudo neste momento, tem primaciais objectivos económico-políticos para Hitler. E de todo o ponto oportuno que não desviemos dêles os olhos. O consequimento dêsse, no Caucaso, está no gonzo central do plano *Führer*, para o povo alemão e em correlação a um ascendente que se lhe torna necessário tomar ou retomar sobre a opinião europeia e americana, mas particularmente sobre a primeira. Ora, segundo os criticos da técnica militar, êsse objectivo depende, na batalha de Karkov, do vulto que haja assumido até hoje o desgast de meios materiais que ela produziu no potencial offensivo do exército alemão e no grau das disponibilidades e da resistência russa. Porque é incontestável que Von Bock à data do impulso offensivo ou contra-offensivo de Timochenko, se preparava, com uma forte acumulação de meios, para a anunciada offensiva alemã no sul da Rússia. E se a batalha absorver parte essencial dêesses meios, poderíamos ver repetir o caso de Moscovo no ano passado, mas com piores consequências. Quando se atenta naquela urgência de reforços norte-americanos para a Rússia, no facto de o comunicado de Moscovo acusar há dias como séria a perda de Kertch, mas advertir que a resistência ali compensara o esforço em Karkov, e que em frente daquela arrazada cidade da Crimeia existe uma poderosa defesa fortificada do Caucaso, — vê-se como tudo isto relembra por certas faces o grande empenhamento alemão no terceiro trimestre de 1941.

Goebbels escrevia, com razão, no

Das Reich, a 15 de Abril, que a frente leste era o «nome heróico» do exército alemão, o que monta a dizer que ela polariza a guerra e o plano da Nova Ordem. O que não é certo no seu artigo, é que o objectivo alemão fosse ou seja *sómente* ou *exclusivamente* afastar o chamado *perigo bolchevista*, porque êsse objectivo é dominar a Rússia, pela occupação das suas regiões produtivas, e para isso *esmagar* o exército russo. E êste objectivo ainda permanece o mesmo. Sem que êle seja alcançado, o Plano Funk fica no papel e a realização do *bastião europeu* na bruma dos desideratos em simples potência.

O BLOCO AMERICANO



Camacho Trejo de Llanos, ao

largo da costa norte-americana de Miami, o presidente da República, general Camacho, depois de uma reunião do governo em que se decidira declarar o estado de guerra às potências do «Eixo», pediu ao Congresso o seu voto aprobatório. A 28, o parlamento assim o resolveu. A Confederação Geral do Trabalho, os partidos da esquerda, os próprios falangistas traziam ao Chefe do Estado um caloroso apoio que por todo o país, e especialmente na capital, se traduzia em ruídos manifestações.

Este acontecimento integra-se no vasto esforço pan-americano de, por um lado, consolidar o bloco económico-político do mais rico continente do mundo, e, por outro lado, afrontar, o mais rapidamente possível, o visível movimento de assalto que a Alemanha e a Itália fazem neste momento para coartar a intervenção a fundo das Américas no conflito mundial.

Encarado sob qualquer dêstes aspectos, o acontecimento não pertence ao número daqueles que se atiram por despiciendo para a valeta da estrada. Com razão, a 24 e 25 lhe era dada a devida importância em Washington:

«Com efeito, no domínio estritamente militar, será organizado dentro do plano comum das medidas defensivas contra um ataque de flanco japonês ao México visando os Estados-Unidos ou o Canal do Panamá. Eliminar-se-ão também as bases inimigas no território mexicano e intensificar-se-á a luta contra a espionagem. Por outro lado, a cooperação económica entre os dois países será mais rápida e mais completa do que no passado. Finalmente a entrada do México na guerra con-

sidera-se nos círculos oficiais americanos como susceptível de ter repercussões importantes de ordem psicológica para a solidariedade das repúblicas sul-americanas com os Estados-Unidos e o Canadá». A presença de Warren Pierson, presidente do Banco de Importação e Exportação dos Estados-Unidos no México durante estas decisões nacionais enlaçará mais fortemente as relações dos dois países para o efeito sinérgico de uma aliança.

Conhecido como já é do leitor o alto valor das posições geográficas das repúblicas da América central e do norte da América do Sul para a defesa do canal do Panamá, onde se articula funcionalmente toda a defesa vital dos Estados-Unidos sobre o Atlântico e o Pacífico, nem causa surpresa que a Alemanha instantaneamente venha exercendo as *maiores influências* para obstar a que êsses países entrem, pelo menos de facto, na guerra, deixando que os núcleos germânicos neles residentes actuem, nem que a orientação de Washington e do Rio de Janeiro seja precisamente a contrária e por todos os meios.

Observado isto em qualquer mapa, evidencia-se o singular poder que para tal fim têm o México na América Central e o Brasil, a Venezuela (e a Guiana Francesa), o Equador e o Perú na parte norte da América do Sul. A 25 de Abril a Wilhelmstrasse precipitava-se a saúdar como sua vitória uma proposta recusa do presidente peruano Prados a um convite de Roosevelt para visitar os Estados-Unidos. A 12 de Maio, o Chefe de Estado do Perú era recebido em sessão conjunta no Congresso de Washington onde, em histórico discurso, manifestava o seu apoio à politica de Roosevelt e à coesão do bloco das repúblicas americanas contra o «Eixo», declarações seguidas de negociações económicas que abrangem produtos tão preciosos como a borracha e o algodão peruanos. A 26 era anunciada a visita do antigo ministro dos negócios estrangeiros da Venezuela, Parras Perez, aos Estados-Unidos, para tratar de convenções comerciais e de créditos...

Quando há pouco o governo japonês invocava os privilégios imprudentemente concedidos pelo Brasil na região do Amazonas aos subditos nipónicos para lá emigrados a título de constituírem colónias agrícolas, segundo programa a que as revistas económicas do Rio davam relevo, não podíamos deixar de sorrir tanto mais quanto já a êsse tempo os submarinos alemães e italianos bloqueavam a costa norte brasileira e Getúlio Vargas havia lançado estas palavras de enorme projecção:

«É necessário preservar a América da cobiça dos conquistadores, torná-la autónoma, rodeando-a duma muralha de resistência económica inexpugnável. Unicamente o traba-

lho conjugado dos seus povos alcançará este objectivo.

Andarão a dormir em pé os homens de Estado que não souberem interpretar o que isto significa, quanto ao Brasil e a tódá a América do Sul no mundo de amanhã.

Trupas norte-americanas já tinham desembarcado no Natal. No Chile, onde a policia descobria, a 23, a rede da quinta coluna alemã e italiana, a visita do presidente Prados tinha uma larga repercussão. Sómente o vice-presidente Castillo, da Argentina, se mantinha em retracção.

DE MAL A PIOR



Estes acontecimentos americanos constituem mais que um reflexo dos que decorrem já na Europa quando para o verão caminhamos, uma directa prova de como da guerra total passamos intercontinentalmente (para usarmos do abjecto parlavão vulgarizado), à guerra totalitária.

Assim, o que sucede no México vem reavivar o caso da Martinica e da posição da França. As autoridades navais norte-americanas, conforme participavam de Washington a 25 de Maio, tomaram especiais precauções (o vice-presidente Wallace já o dissera antes ao desportivo optimismo de muitos dos seus compatriotas) contra desembarques de espiões, sabotadores ou mesmo de pequenos grupos armados para «raids» de destruição—como o praticado pelos ingleses em Saint-Nazaire, coadjuvados pela população francesa que o pagou em heróicos sacrificios sob duras represálias germânicas,—desembarques possíveis, dada a presença de submarinos do «Eixo» muito próximos da costa oriental dos Estados-Unidos, onde existem muitos locais isolados. Nova-York entrou em black-out no começo do segundo meado de Maio, transformando os arranha-céus em torres sombrias, de cujos terraços a policia e a defesa anti-aérea fazem vigilância.

Ora, depois da noticia de que as negociações entre os delegados norte-americanos e o almirante Robert iam em bom caminho, apenas se sabe da imobilização das unidades navais francesas na Martinica e em Guadalupe, retirando-se-lhes os óleos carburantes e procedendo-se à sua paralização como força de combate, tal como, ao decair da França, os ingleses haviam feito à frota surta em Alexandria. Cordell Hull, respondendo indirectamente ao presidente da Commissão Senatorial dos Negócios Estrangeiros, Connally, no dia 22, que propugnava pela immediata occupação das possessões francesas, entre as quais a de Dakar, a 2.000 milhas de Martinica, não se pôs fora «disso», declarando apenas com solemnidade que elas seriam restituídas no fim da guerra às autoridades próprias, com plena preservação da soberania francesa. O secretário de Estado de Roosevelt ripostava assim a uma insinuação de Laval e talvez até a violentas palavras de protesto proferidas numa conferência em Montauban pelo almirante Abrial contra os ingleses. Aliviou-se, porém, a posição de Laval.

Mas ser-lhe-ão favoráveis, ao menos, os alemães? A agência officiosa alemã, no dia 22, notificava de Berlim: «A França é que, em primeiro lugar, tem de tomar uma attitude». E referindo-se às reclama-

ções italianas fazia esta advertência bastante: «Os meios politicos alemães dizem que considerações aritmétricas, e por esta razão tendenciosas, acêrca das relações entre a França e a Alemanha, bem como sobre as relações entre a França e a Itália, não tocam no fundo do problema que resulta da vitória comum alcançada pelas potências do «Eixo» sobre a França». Como costuma dizer-se, não é preciso pôr mais na carta para se acentuar que a Alemanha apoia tudo quanto a Itália reclama, com o seu direito de parceira na vitória comum. A conferência de Salzburgo embotou, como se vê, a de Montoire. E Virgínio Gayda, retorquindo ao jornal suíço *National Zeitung*, marcava de novo com força, a 23, que «a posição da Itália em face da França é clara, inflexível e bem conhecida e está consagrada pela solidariedade perfeita da Alemanha». A vida politica de Laval torna-se de cada vez mais difficil. Darlan inspecionou a defesa do litoral mediterrâneo. Nogués foi outra vez chamado a Vichy. Ao residente geral na Tunisia aconteceu o mesmo. Compreende-se que em Vichy se prefira aguardar o destino da prenunciada offensiva alemã antes de tomar para o lado favorável. Mas poderá a situação manter-se, quando a pressão intimativa dos acontecimentos encostar o politico francês ao muro?

PRAZOS E URGÊNCIAS



A 27 chegavam novas de que Rommel começara a mover-se. Não se assinalava ainda do Cairo que nisto houvesse já vanguarda de offensiva, mas logo a seguir assim se verificou. O que se passa na frente leste mantém uma interrogação sobre se Hitler terá força para effectuar um desdobramento de offensiva sobre o Mediterrâneo, embora conte a seu favor poder manobrar—salvo quanto à remessa de reforços à Libia—por linhas interiores. Uma vitória ali, apenas encontraria o deserto. Não produziria immediatamente a ameaça da Siria e dos caminhos terrestres da India. E se bem que collocasse então aberta a questão do Mediterrâneo occidental e, portanto, a de Gibraltar, a resolver no norte africano com a convênencia do govêrno de Vichy (razão esta porque formulámos atrás a hipótese de Laval aguardar os acontecimentos)—não é menos certo que a maior finalidade de tal assalto italo-alemão, só poderia ser realzada no Próximo Oriente, impedindo que pelo Golfo Pérsico a Rússia e o exército de Wavell continuem a ser abastecidos.

Foi já tornado público que numerosas forças italianas e alemãs se ajuntam no sul da Itália sob o comando do príncipe Piemonte, que há dias lhes proclamou com vivas ao Rei seu pai e ao «Duce». Mas dado que se intentasse um golpe sobre Chipre, já prevenida com defesas pelos ingleses, não se colocaria a Itália em novos riscos? A esquadra britânica do Mediterrâneo, cujos altos feitos o almirante Cunningham acaba de recordar, ao transmitir o seu comando ao almirante Harwood, o herói do Rio da Prata, mesmo na situação desigual em que se encontra, pois seguindo aquele chefe naval, que brilhou em Tarento, carece urgente protecção da aviação, é de temer pelo seu espirito de ataque. E quanto tempo levaria, mesmo com bons êxitos, uma operação



O PINTOR DIAS SANCHES, dando os últimos retoques num retrato do sr. General Carmona, acabado recentemente e que se destina a um dos maiores organismos do Estado

dessa ordem, que não pode já contar com as bases da Grécia, país onde as guerrilhas estão a dar que falar, em conjunção com os perigosíssimos levantamentos insurreccionais.

Quanto, como afirmou Mussolini, já esteja soldada a coordenação de planos e forças das duas nações do «Eixo», o alto-comando, alemão, que rege umas e outras, não pode deixar de considerar agora possível em determinado prazo uma irrupção offensiva das Nações unidas.

MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS

nas bôcas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que incluye uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquellas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

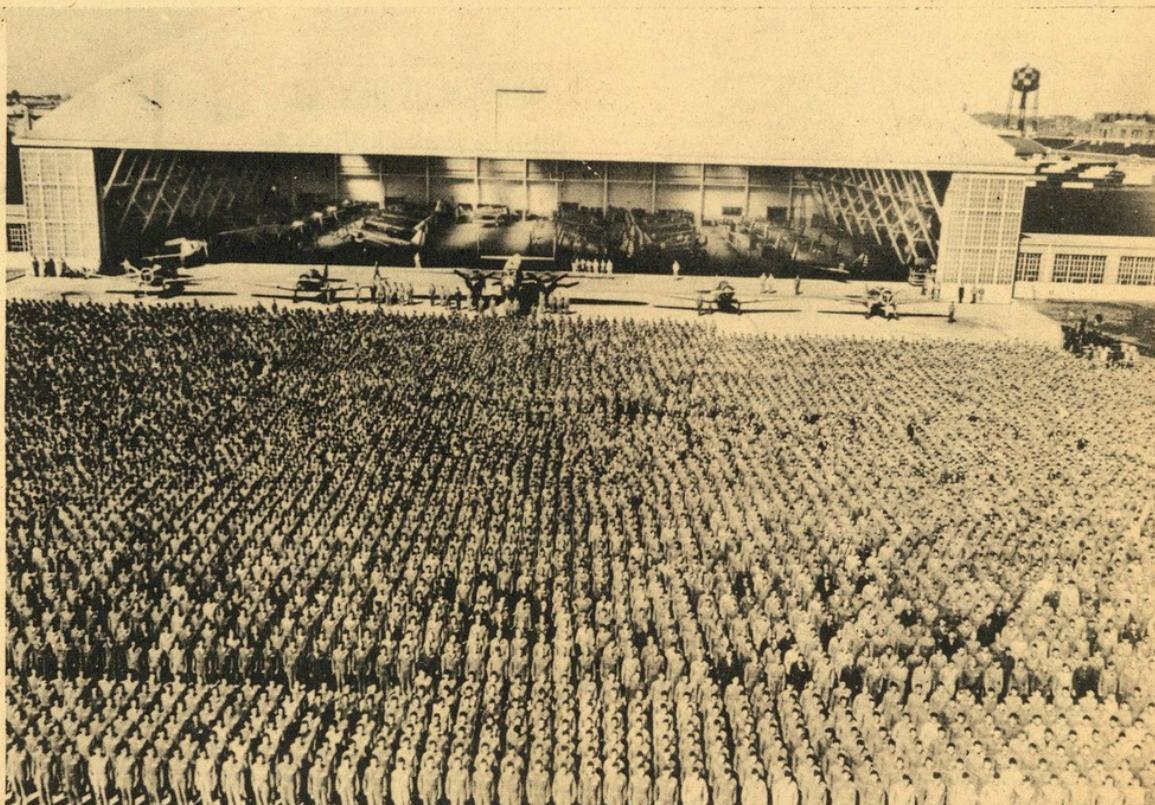
Uma missão militar da aviação norte-americana recém-chegada a Londres prepara uma «segunda frente do ar», contra a Alemanha, a qual aparece assás necessária entre os auxilios que os aliados podem e devem prestar nesta conjuntura ao exército russo, pela segunda vez tornado sustentáculo e bigorna do bloco inimigo da Alemanha. Cripps ao fechar o debate nos Comuns sobre a actual situação da guerra, fixava destarte o ponto de vista dos governos de Londres, Washington e Moscovo e Xung-King: «O gabinete de guerra decidiu que os nossos aliados russos tenham a prioridade nos abastecimentos, que prometemos em Moscovo. Esta politica auxilia a Rússia a prosseguir hoje na luta. Compreendemos que os exércitos russos, com o mais tremendo dos sacrificios, suporta o peso do grosso dos exércitos alemães, e também de grande parte da sua aviação. Nenhum preço nos parece caro de mais para pagar a continuação do apoio ao heróico esforço russo, mesmo quando esse preço implica o perigo para alguns pontos do nosso próprio território».

E acrescentou o seguinte, mais importante para o caso: «É esse o nosso ponto de vista sobre o auxilio material a prestar à resistência russa, e é essa a melhor maneira pela qual poderemos prestar esse auxilio até ao momento em que estejamos em condições de effectuar o ataque cuidadosamente planeado que tentamos fazer ao continente europeu». Quatro dias depois, mais de 50 mil ingleses reunidos em Trafalgar Square reclamavam a criação duma segunda frente e votavam uma moção na qual se declarava que o povo estava pronto a repelir uma invasão à ilha (hipótese que Hitler só por falta de meios não realizaria).

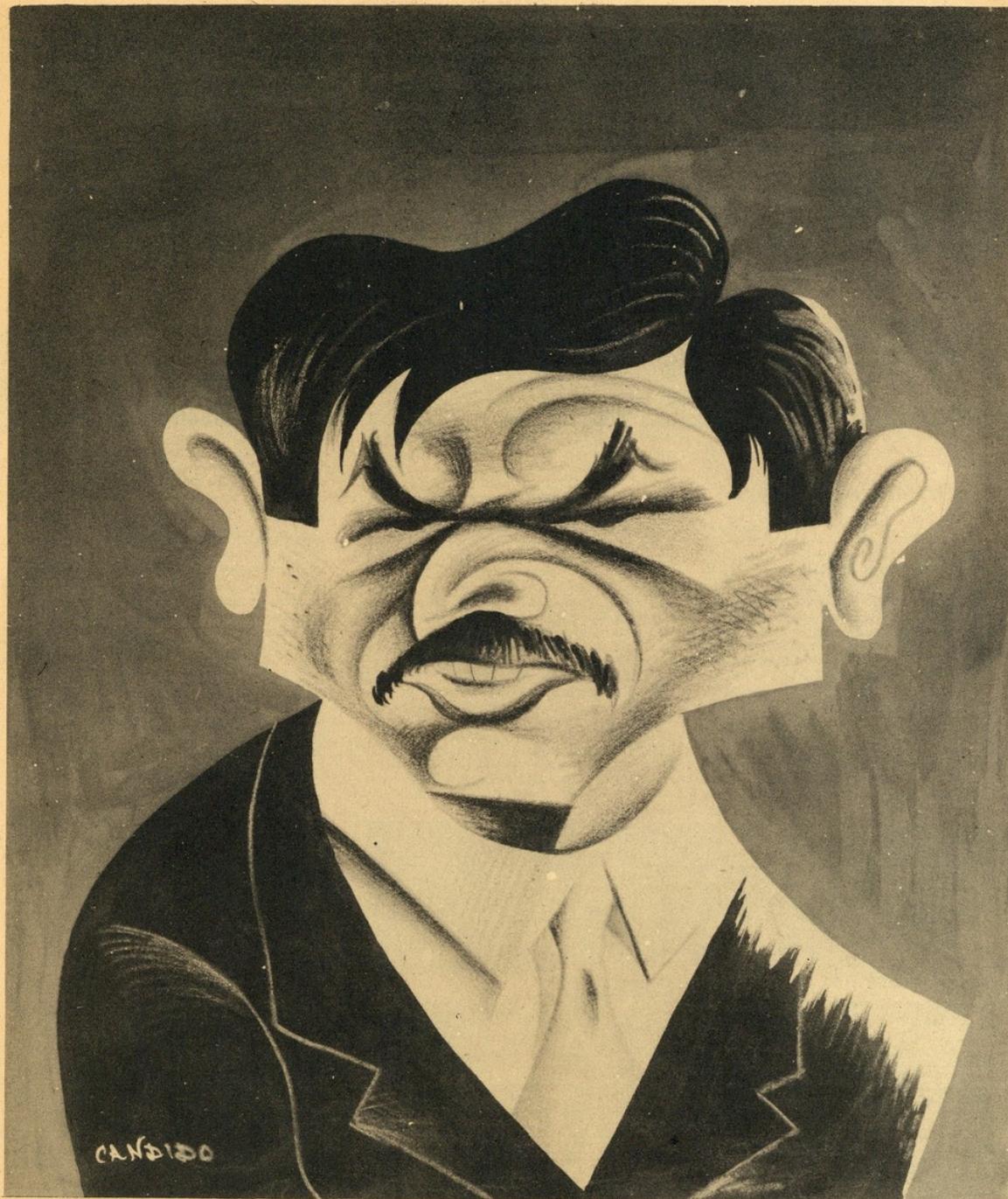
Hitler não pode esperar que os Estados-Unidos atinjam o vértice da curva da produção de guerra e do seu adestramento, mas os aliados magno erro cometeriam, desafiando a sorte, esperando em defensiva o resultado do gigantesco esforço que a mobilização de todos os recursos do «Reich» proporciona a Hitler.



O GENERAL WILLIAM KNUDSEN que orienta os serviços de produção da indústria de guerra dos Estados Unidos declarou recentemente que a América do Norte teria 19.000 caças em 1 de Junho e haveria já distribuído, nessa data, 14.000 do mesmo tipo à Inglaterra. Para isso, a produção aeronáutica atinge um ritmo impressionante. Nesta foto, vemos um aspecto duma fábrica de aviões ao ar livre, na costa americana do Pacífico, trabalhando de noite, sob a luz de potentes holofotes.



AO MESMO TEMPO QUE PRODUZ AVIÕES, a América prepara, com a mesma rapidez e numa proporção impressionante, os seus corpos aéreos. Esta foto mostra-nos uma classe de pilotos militares formada junto dos hangares dum quartel de aeronáutica, cena vista, com frequência, em centenas de centros de treino espalhados pelos Estados Unidos.



Figuras da Vida
MUNDIAL

PIERRE LAVAL, figura de grande relevo na política francesa, nos últimos anos, actualmente Presidente do Conselho do Governo de Vichy e impulsor da aproximação franco-alemã.
(Caricatura de Cândido Costa Pinto)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo X - nos ares da Sibéria

1

O ATAQUE AO IMPÉRIO

Em fins de Agosto de 1940, era já evidente que um ataque directo à ilha britânica teria de ser adiado para melhor oportunidade. A resistência inglesa afirmara-se com um vigor inesperado. A ideia da invasão continuava a dominar os dirigentes do «eixo». Mas a sua execução teria de ser precedida pela conquista do espaço aéreo sobre a Grã-Bretanha e, de momento, a aviação de caça inglesa mostrava-se bastante vigorosa para impedir que aquêle intento se realizasse. O general Kesselring, que conquistara os seus primeiros êxitos durante a campanha da Polónia, comandando uma das esquadras aéreas que actuavam sobre este país, não fóra tão bem sucedido na

emprendimento que, sob a alta direcção do marechal Goering, lhe fóra confiado ao ocidente. Embora os ataques em massa, especialmente os que foram dirigidos contra a cidade de Londres, não houvessem cessado por completo, houve que desistir de conseguir uma solução militar completa pelo aniquilamento da aviação de caça da R. A. F.

O «eixo» começou então a jogar, em pleno, na realização de uma ofensiva conjugada que, em última análise, devia reduzir, e por fim aniquilar, a capacidade de resistência do Império britânico. Essa capacidade de resistência era, nessa altura, reduzida. Uma política externa dúbia e indecisa acabara por deixar a Grã-Bretanha isolada na Europa e no mundo; uma política militar, que ignorava os imperativos do interesse nacional, deixara-a desarmada. A derrota da França acabava de lhe fazer correr um risco mortal. Falou-se mesmo em ditar a paz de Londres em prazo fixado.

Mas, se era certo que o povo inglês manifestara, de forma exuberante, o seu propósito de se não curvar, se a tentativa dum ataque frontal se malograra, restava às potências do «eixo» a solução, relativamente fácil, de seixar

para o fim a metrópole britânica dum lindo, pedra a pedra, o edificio imponente que a era vitoriana tinha legado. Se o coração desse corpo gigantesco estava em Londres, a principal artéria do seu sistema sanguíneo passava pelo Suez.

A EXTENSÃO DO CONFLITO

Com a resistência britânica na metrópole, a guerra, de começo circunscrita ao continente europeu, ia, pela necessidade de anular aquela resistência, degenerar em conflito de continentes, transformar-se em guerra de tipo colonial e marítimo, alargando-se da Europa e do Atlântico, ao Mediterrâneo, ao Norte de Africa e ao Próximo Oriente. E este foi, com certeza, o facto culminante do ano de 1940. Resistindo na sua ilha aos ataques da aviação alemã, prelúdio obrigatório da invasão, os ingleses levaram o Reich e o seu aliado italiano a estender a sua acção, diplomática e militar, a passagens que se consideravam à margem do conflito.

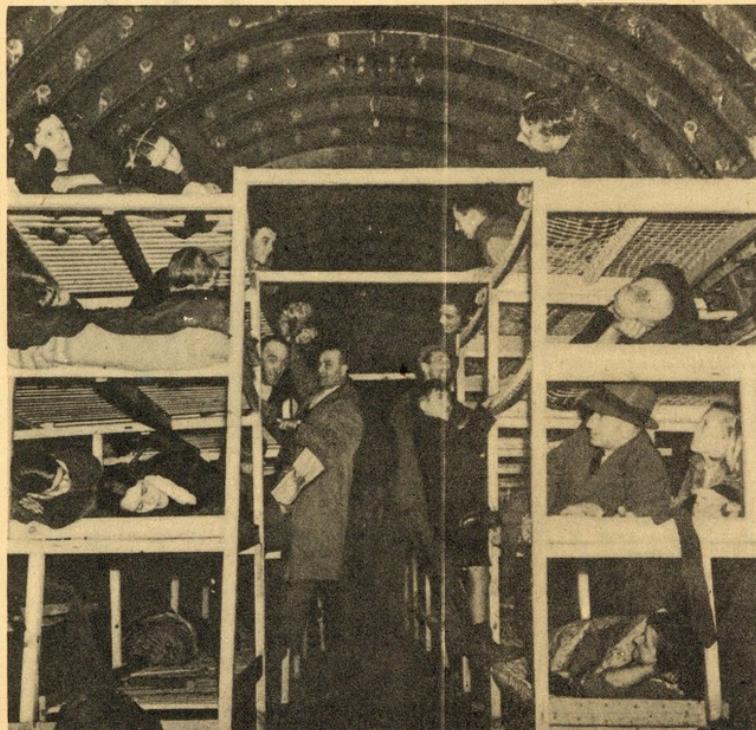
Até que essa resistência se afirmou, a máquina militar, que o Reich preparara cuidadosamente, tinha conquistado, em «etapas» rápidas e triunfantes, as zonas de influência política ou de importância económica que existem no continente europeu. A realização dessas «etapas» repetira os métodos militares de guerra total sem que a experiência dumia tivesse aproveitado as protagonistas das restantes. A França repetiu o que se passara na Bélgica e na Holanda, como estes países repetiram o que se passara na Noruega e a Noruega, com pequenas variantes, repetiu o que se passara na Polónia.

Com a intervenção activa da Grã-Bretanha, grande potência imperial com interesses entre os europeus, o curso da guerra acelerou-se. O mar passou a desempenhar um papel decisivo na contenda. O Reich não conseguira rapidamente uma decisão (guerra relâmpago) com o emprego máximo da sua aviação de bombardeamento. O tempo, as possibilidades e o potencial industrial e humano adquiriram uma importância maior do que a preparação intensiva a que as nações do «eixo» se tinham submetido para poderem, uma vez desencadeado o conflito militar, ganhá-lo num prazo de tempo limitado.

As nações que pareciam mais bem preparadas para contrabalançar essa margem de preparação inicial (França, Polónia) tinham sucumbido em condições desastrosas que faziam prever uma vitória rápida e total do «eixo». A intervenção britânica criava um condicionamento dentro do qual ia girar, no futuro, a órbita do conflito.

A ACÇÃO DO «EIXO»

Certo é que o outono de 1940 foi assinalado pelo malôro da ofensiva aérea sobre a Grã-Bretanha. As nações do «eixo», de maneira especial a Alemanha, convenceram-se de que a execução de qualquer plano de invasão daquele país demandava uma preparação mais minuciosa e demorada. Convenceram-se mais de que ela só teria probabilidades de êxito depois de enfraquecido o corpo imperial vibrando-lhe golpes violentos em outras para-



«O ataque directo à ilha britânica teve de ser adiado para melhor oportunidade. Entretanto, ficou na História a resistência do povo inglês perante a grande ofensiva aérea. A foto mostra-nos um aspecto da vida de Londres nos dias trágicos do verão de 1940: um abrigo no Metropolitano.

gens cuja manutenção fôsse necessária à sua existência.

Resolveram, por isso, atacar o Império britânico em pontos mais vulneráveis. Para que esse ataque pudesse produzir todos os seus efeitos era indispensável expulsar os ingleses dos locais do continente onde a sua influência ainda se fazia sentir de maneira apreciável. O Mediterrâneo, dada a sua proximidade das costas europeias e a importância e a extensão dos interesses britânicos concentrados à sua volta, apareceu como a zona designada para a fase seguinte das operações militares a desenvolver em larga escala. Os Balcãs ficavam assim em foco e tornava-se necessário resolver rapidamente os problemas que diziam respeito a essa região.

A Itália, pela sua posição geográfica, pela natureza dos seus interesses no sudeste europeu, pela sua presença no Norte de África, tinha que ser chamada a desempenhar um papel cada vez mais activo no decurso da luta. Por isso lhe coube a função de iniciar a campanha dos Balcãs, que devia prolongar-se com peripécias diversas e algumas delas aparentemente contraditórias, invadindo a Grécia no dia 28 de Outubro. Fundamentalmente tratava-se, para o «eixo», de anular a testa de ponte que um exército imperial que a Grã-Bretanha pudesse um dia concentrar no Norte de África viesse a desembarcar na Europa, inutilizando, assim, por uma iniciativa ousada, os benefícios das vitórias alcançadas durante os primeiros meses da guerra pelas forças do Reich.

A combatividade inesperada de que a nação grega deu mostras e a capacidade militar do seu exército frustraram esta concepção inicial e obrigaram a prolongar as hostilidades na península balcânica até ao verão do ano seguinte. Mas o plano consertado nem por isso deixou de se cumprir à risca, embora os resultados, descontados desde a primeira hora, não viessem a ser colhidos.

O PAPEL DA ITALIA

A tarefa que incumbia às nações do «eixo» realizar em comum ia ser dividida em duas partes. As sucessivas conferências realizadas entre o Führer e o Duce significavam, de maneira inequívoca, que as conversações se seguiriam as realizações. Ao Reich incumbia a parte mais pesada dessa tarefa comum: vigiar a Inglaterra, isolando-a de contactos exteriores, pela acção persistente da sua diplomacia nas capitais europeias e por um contrabloqueio conduzido vigorosamente pelas suas esquadilhas de submersíveis. A Itália caberia, de momento, a realização duma empresa militar de vulto: liquidar as forças britânicas que ainda existiam no Mediterrâneo e que se encontravam no Norte de África.

Para isso dispunha aquêle país de dois instrumentos de acção poderosos: uma esquadra e um exército colonial. Ambos podiam considerar-se de primeira ordem, quer considerando



General Wavell

o seu valor, quanto à qualidade e à quantidade, quer entrando em linha de conta com as suas possibilidades reais.

A esquadra italiana era, pelo número e excelência dos navios que a compunham, a terceira esquadra da Europa. Afastada da costa da França francesa, passava a ocupar o segundo lugar. Seis navios de linha modernos e modernizados, algumas dezenas de cruzadores pesados e ligeiros, numerosos contratorpedeiros e unidades ligeiras, cerca de uma centena de submarinos constituíam um activo de primeira ordem com que a nação italiana, que quasi não chegara a experimentar as suas armas na luta contra a França, ia dar as provas que dela exigia a nova fase do conflito.

Nas suas colónias do continente africano havia a Itália evidentemente concentrado um exército numeroso e bem equipado, em que a direcção estava confiada a oficiais hábeis e especializados, tendo os soldados a tradicional persistência da raça italiana e uma aptidão natural, tantas vezes afirmada, para fazer, com êxito, a guerra em terras africanas. Esse exército repartia-se pela Líbia (Cirenaica e Tripolitânia) e pela África Oriental italiana (Abissínia, Somália e Eritreia). A Líbia estava, naturalmente, designada como ponto de partida para as operações encaradas em comum, durante as suas entrevistas, pelo Führer e pelo Duce. Foi nesse sentido que os acontecimentos se encaminharam.

OS ITALIANOS NA LÍBIA

A Itália conquistou a Líbia, que era uma provincia do Império turco, em 1911, após uma guerra prolongada e mortífera. A população era, quando se iniciou o actual conflito, de cerca de um milhão de habitantes. Entre estes contavam-se cerca de cem mil italianos. Havia entre os indígenas cerca de oitocentos mil árabes e algumas dezenas de milhares de judeus. A superfície do país é aproximadamente o quádruplo da superfície da metrópole. As suas únicas regiões férteis são as zonas costeiras da Cirenaica e da Tripolitânia Ocidental. Separando-as fica a enorme estensa arenosa de Sirte, prolongamento do Saará. Fora desse espaço limitado a vida é difícil. Como não há correntes de água e as chuvas são raras, a agricultura local depende exclusivamente dos progressos da irrigação artificial, pelo aproveitamento das águas do subsolo e pela utilização, em larga escala, de poços artesanais.

A região costeira é bastante habitada e relativamente forte a densidade da sua população. As principais cidades do país são Benghazi, na Síria, e Tripoli, na Tripolitânia. Alguns oasis do interior constituem também centros populacionais de relativo valor.

Depois da conquista da Etiópia e dentro da sua concepção de política colonial e imperial, a Itália fascista iniciou na Líbia uma longa obra de progresso material. A viagem do Duce a aquelas regiões e a escolha do marechal Italo Balbo, figura de primeiro plano na política do regime, para as administrar, acentuaram essa intenção. Em 1938 foram enviadas para a Líbia

mil e oitocentas famílias, oriundas de todas as provincias da metrópole. Estas famílias, após uma viagem prolongada em vapores separados, foram instaladas em herdades cuja preparação obedecia a um plano cauteloso e elaborado.

Tendo em atenção a necessidade de desenvolver economicamente aquelas paragens, mas também com o propósito de acatelar, sob o ponto de vista estratégico, a sua segurança, foi construída ao longo da zona costeira uma extensa auto-estrada entre Zuara, na extremidade ocidental da Tripolitânia, e Bardia, na extremidade oriental da Líbia. Tanto na fronteira da Tunísia, a oeste, como na fronteira do Egipto, a leste, foram igualmente construídas fortificações para assegurar a defesa do país.

NA FRONTEIRA DO EGIPTO

No dia 13 de Setembro, o marechal Graziani alcançou, com o grosso das suas forças, a fronteira do Egipto. Ao mesmo tempo, um importante destacamento de tropas italianas, avançando pelo desfiladeiro de Halfaia, atingiu Solum. A acção era apoiada por um nutrido fogo de artilharia. Os elementos avançados britânicos iniciaram uma retirada em ordem. A sua engenharia, na retirada, procurou dificultar, por uma série de destruições sistemáticas, o avanço do inimigo. A colocação de minas, em grande número, e a inutilização das nascentes indispensáveis à marcha e ao reabastecimento dos soldados de Graziani foram os métodos mais frequentemente empregados pelos ingleses em retirada.

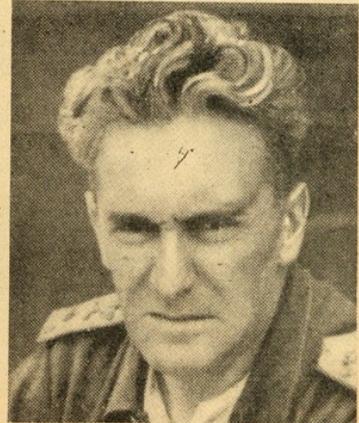
O comando do Exército Imperial com a sua sede no Cairo não podia ter dúvidas de que, dada a quantidade de tropas mobilizadas e a importância do material empregado, os italianos preparavam uma acção de grande envergadura cujo primeiro objectivo era a occupação do Egipto e cuja finalidade verdadeira era a posse do Canal de Suez. Um ponto permanecia, porém, obscuro: iam os italianos atacar directamente utilizando, para o ataque, a auto-estrada, ou preferiam ladear a dificuldade dum ataque frontal produzindo um largo movimento envolvente pelos oasis de Giarabub e de Siva?

Em 16 as guardas avançadas de Graziani atingiam o ponto extremo da sua penetração: Sidi Barrani. Iam passar-se algumas semanas antes que as hostilidades se desencadeassem de uma forma activa. Mais extraordinário seria que, apesar das circunstâncias verificadas e da evidente superioridade dos italianos, em effectivas e em material, a iniciativa seria ousadamente tomada pelos seus adversários que, para isso, teriam de colocar a ousadia acima dos cálculos que habitualmente precedem a realização de operações militares de envergadura.

O mundo ia ter ocasião de assistir ao primeiro embate de dois exércitos completamente mecanizados no deserto. Dir-se-ia que a natureza do terreno e as dificuldades de abastecimento tornavam impossível uma experiência dessa ordem. Mas a nova cavalaria daria as suas provas e em condições de abrir um capítulo novo na história desta guerra.

AS POSSIBILIDADES BRITANICAS

O comandante chefe do exército imperial no



Marechal Graziani



General Kesselring, principal executor do ataque aéreo à Inglaterra em 1940

Próximo Oriente era o general Archibald Wavell. A sua tarefa não tinha sido facilitada pelos acontecimentos e, especialmente, pelo colapso da França. Os contingentes que comandava, vindos de diversos pontos do Império (Austrália, Índia, Canadá, África do Sul) eram de qualidade excelente mas em pequena quantidade. Cabia-lhe a responsabilidade de acautelar a segurança de uma extensíssima zona geográfica que ia desde a Síria, a nordeste, até ao deserto líbico, a sudoeste. Essa zona era de um interesse capital para o prosseguimento da luta por parte da Grã-Bretanha. Era nessa zona que se encontravam as fontes de carburantes indispensáveis à manutenção do poderio britânico na África e na Ásia, a rota vital do Suez e as posições estratégicas que barravam às potências do «eixo» o histórico caminho que conduz à Índia. Encarados a distância os acontecimentos que então se produziam e especialmente o desaparecimento do exército franco-britânico organizado na Síria pelo general Weygand e, com a intervenção da Itália, a criação de um poderoso exército sob o comando do marechal Graziani nas imediações do Egipto, é forçoso reconhecer que a obra realizada pelo general Wavell, evitando a invasão deste país com efectivos que não excediam algumas dezenas de milhares de homens e dispondo de um material pouco importante, constituiu um dos episódios salientes na história militar do actual conflito.

Ao contrário do que chegara a afirmar-se, nem o general Noguès, que comandava as importantes forças francesas concentradas no Norte de África (Marrocos, Argélia e Tunísia), nem o seu camarada Mittelhauser, que substituíra Weygand no comando do exército da Síria, tinham dado a sua adesão à causa da

França Livre chefiada pelo general De Gaulle. Nem também tinham resolvido continuar a luta ao lado da Grã-Bretanha, embora numa posição de independência em relação àquele oficial. Ambos afirmaram a sua fidelidade ao governo presidido pelo marechal Pétain que, uma vez instalado em Vichy, começara a ocupar-se activamente da situação criada nas várias parcelas do Império francês pela celebração do armistício. Esta circunstância dava inteira liberdade de movimentos a Graziani e comprometia, quasi irremediavelmente, a posição de Wavell.

COMPANHEIROS'E INIMIGOS

Os temperamentos, as características e as tendências dos dois chefes que iam defrontar-se eram profundamente diversas. Em alguns aspectos eram mesmo antagónicas. Isso não impedia que, durante a conflagração de 1914-18, ambos se batessem do mesmo lado da barricada, numa fraternidade de armas que gerara uma profunda simpatia pessoal. Wavell era mais humano e mais compreensivo. No fundo, pensava que o indígena era o seu semelhante e que a grandeza e a prosperidade do Império britânico eram, em toda a parte, um produto de métodos colonizadores e civilizadores que não faziam tábua rasa do valor e da significação da personalidade humana. Graziani era mais impetuoso e mais decidido de atitudes. O seu passado de capitão enérgico e voluntarioso, conquistando rapidamente os graus da promoção a golpes de audácia e de bravura pessoal, constituíam um precedente que não deixaria de ser seguido na hora em

que a pátria, confiando na sua perícia e na sua experiência, lhe confiava o lugar de maior risco.

Os métodos que iam aplicar na condução da luta reflectiriam esta diversidade de temperamentos. O avanço de Graziani fóra arrojado. Embora não descurando os pormenores relativos ao abastecimento e ao estado sanitário das tropas, o marechal italiano desprezara as contingências da luta no deserto para alcançar rapidamente o objectivo que se propunha. Wavell, por seu lado, não ignorava nem a delicadeza da posição que assumia, nem a gravidade das circunstâncias, nem as exigências do momento. Compreendia que nas suas mãos repousava, não apenas o presente mas o futuro do Império britânico. Escritor militar reputado, feito na escola inigualável de Allenby, conhecia a fundo a sua profissão, mas sabia também que a política e circunspecção não são estranhas à arte de guerrear.

Entre 13 de Setembro e 8 de Dezembro, Graziani e Wavell, tendo entre si uma faixa estreita e desértica, ao longo da qual as patrulhas se espiaavam, procuram penetrar os verdadeiros desígnios um do outro. Mas enquanto do lado italiano a acumulação de meios se não traduzia por uma acção imediata, do lado inglês a penúria afiliva das primeiras horas aparecia, pouco a pouco, e mercê da inactividade do inimigo, substituída pela chegada de reforços treinados, de equipamentos modernos, de aviões e carros dos últimos modelos.

(Continua)

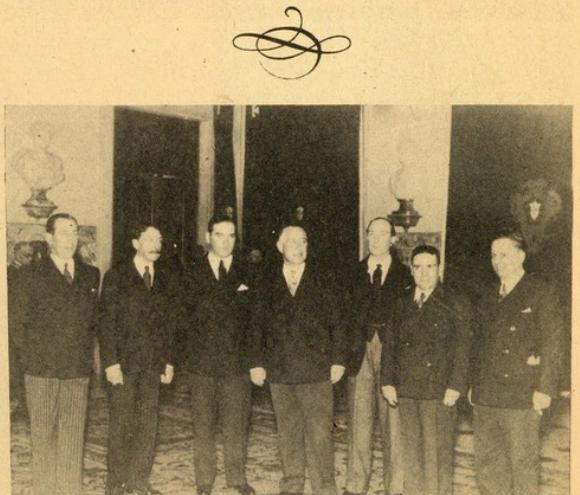
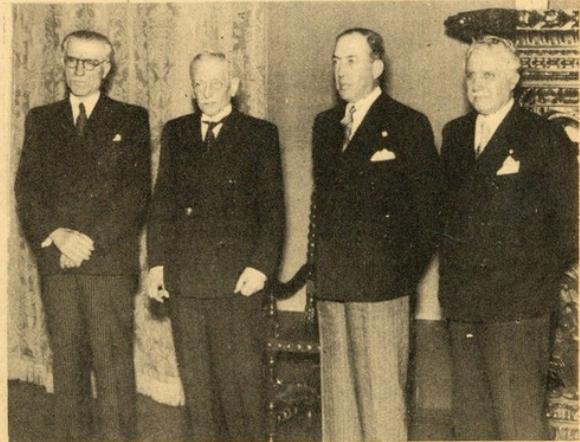
(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).



O CHEFE DO ESTADO e o sr. ministro da Educação Nacional inaugurando a XII Feira do Livro, simpática iniciativa do Grémio dos Editores e Livreiros, patente ao público na Avenida da Liberdade.



O DR. LUIZ OLIVEIRA GUIMARÃES entregando ao sr. general Carmona um exemplar do seu livro «Dize tu, direi eu», edição de «Vida Mundial».



EM CIMA: O SR. GENERAL CARMONA com os membros da Comissão Executiva da União Nacional que lhe apresentaram cumprimentos no dia 28 de Maio. EM BAIXO: O presidente e vereadores da Câmara Municipal de Lisboa que foram apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado.

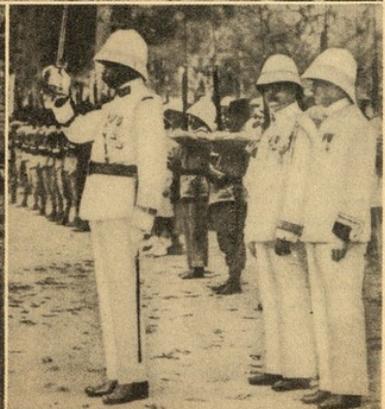
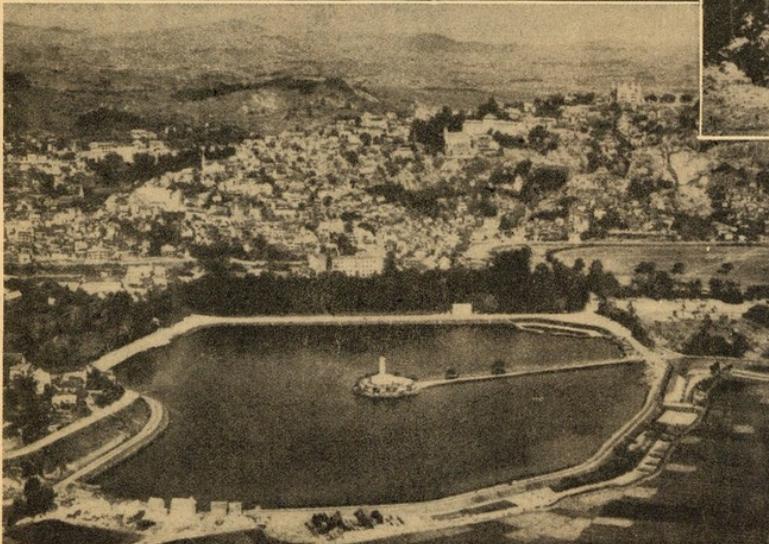
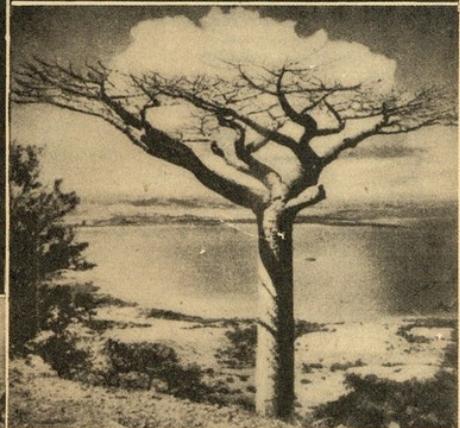
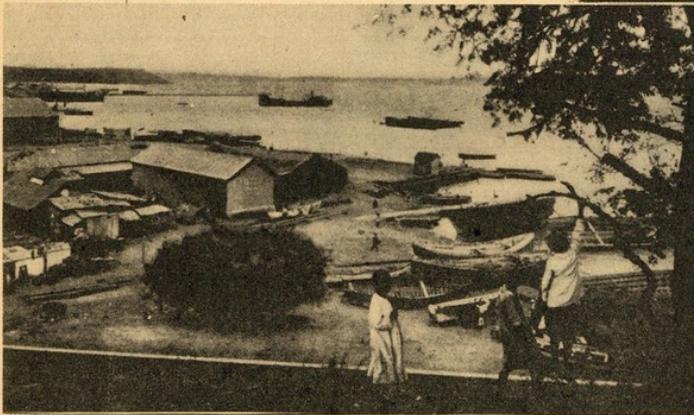
Madagascar ocupada pela Inglaterra



COM A OCUPAÇÃO dos objetivos militares e navais da baía de Diogo Soares, operou-se praticamente a ocupação da grande ilha de Madagascar, importante base estratégica do Indico Sul, ponto de cruzamento de importantes linhas de navegação, com uma baía susceptível de abrigar uma esquadra inteira e que, perante a ameaça japonesa, foi tomada de assalto pelas tropas britânicas, com o pleno acôrdo dos Estados Unidos. As fotos que publicamos em baixo mostram-nos dois aspectos do país de Diogo Soares: uma vista de Tanamarive, capital da ilha, e uma formação de tropas coloniais em Madagascar.



O ALMIRANTE SYRET que comandou as forças navais britânicas no ataque a Madagascar.



Balão azul

Uma novela de Rui Folha

NOVINHA ainda, quando a família deu por isso era já tarde. E, no entanto, nada mais simples e natural. Havia bastante tempo que os rapazes a envolviam e em oitares redondos e possessivos. Alguns até voltavam-se na rua para a ver. De maneira que bastou um baile de Carnaval para convencer a Blá de que era bonita.

Se ia num eléctrico e alguém a olhava, Blá estremecia. Com os dedos nervosos arranjava os coracóis e a gola do vestidinho simples. E por mais que a irmã a repreendesse, ia olhando os rapazes com o rabinho do olho, muito interessada e satisfeita se o exame era favorável.

Começou assim os seus quinze anos. Depois das aulas, não vinha logo para casa. Passeava sôzinha pelo jardim. (Havia de olhar para quem muito bem quisesse!...)

Desmentiu ainda mais a lei da gravidade com a inclinação picante da sua boina azul, e arranjou um tal ar de abandono e lassidão que...

Foi, talvez, esse «que» o motivo do súbito atrevimento de um rapaz magro, com espinhas da barba, de grandes olhos ingénuos e magoados.

— A colega dá-me licença?...

Ela ficou-se, de olhos quietos, o coração doido, as unhas cravadas na velha pasta a abarrotar de livros e cadernos diários.

— É do Maria Amália?!

— Sou...

— Conhece a Maria Clara do 6.º B?... É minha prima.

Ela não conhecia, mas disse que sim. (Depois ficou seriamente arrependida de mentir, mas se todos os arrependimentos fossem assim, tão curtos e diluídos, era a Vida um doce passeio num jardim...)

— Não se quer sentar?!

Blá pôs a pasta entre ambos. Ele, entalando a boquilha comprida e complicada entre os dentes irregulares, iniciou a conversa:

— Em que ano anda?!

— No 5.º... Mas podia estar mais adiantada. Já tenho dezasseis anos...

Mentia como uma pessoa crescida — no entanto, como era nova, côrou.

Atabalhoadamente repetiu: — Dezasseis anos!... Que idade me dava?!

— A que tem...

Houve um silêncio. Ao longe, ouviram-se automóveis; num risco sonoro. Três rapazes passaram, em cabelo, as gravatas desmanchadas e aviadoras, falando muito alto, para se fazerem notados.

Blá perguntou:

— E v., onde está?!

— No Camões... no 6.º... Podia já estar no 7.º... mas no ano passado «gaitei».

Estacou, perturbado com aquele calão horrível. Ela, insensivelmente, comentou:

— Que «chatices»!... Desde então ficaram camaradas.

2.

Fôra precoce, aquela rapariga. Vivia num meio feminino — a mãe, a tia Lúcia, a irmã. Andava numa roda viva entre primas e amigas. Quanto mais longe se anda dos homens mais se fala dêles. Pequenita ainda, gaguejava as cartas das criadas. Era a confidente. Contavam-lhe coisas que ela não percebia. Ia-as retendo, porém. Os seus nove anos foram um terreno permeável. Tiveram uma criada que era bonita e gostava que lho dissessem. Um dia teve a honra de namorar um cabo de caçadores. E o cabo escrevia longas e fantásticas cartas que as duas iam lendo em

A resposta veio, num bilhete de papel quadriculado. O estilo era lacónico e preciso. O bilhete dizia apenas o seguinte: «Tenho onze anos e chamo-me Alfredo».

Blá não lhe respondeu. E uma manhã em que ele lhe ia falar na rua, côrada e submisso, voltou-lhe a cara, furiosa e sacudida. Fôra a sua primeira desilusão amorosa.

Por essa altura, andava muito com a irmã e um rapaz simpático que era advogado.

E a irmã levava um tempo enorme a vestir-se e a arranjar-se quando as duas iam passear com ele. Depois, num certo dia, demorou ainda mais tempo a arranjar-se. Mas saiu sôzinha.

E Blá sentiu uma sensação estranha, diferente. A ninguém disse nada, guardou para si, muito para

candieiro, olhando para cima, para aquele pesado prédio de quatro andares, num â-vontade que chegou a irritá-la.

Deixou a janela, veio até ao corredor. Não estava ninguém em casa. Mesmo assim fechou-se à chave. Queria estar sôzinha no seu quarto. Ela e o seu segredo.

Voltou a espreitar. Ele acendia um cigarro. Blá estava entre duas mãos de ferro. (Vou à janela?!... Não vou?!...). O coração batia-lhe, a boca sentia-a seca.

Deixou-se cair num «mplex», pobre joguete frágil daquela indecisão febril. Se, na verdade, gostaria de ir para a vida com as suas pequenas mãos bem abertas e confiantes — era certo, também, que um estranho sentimento que não sabia definir a fazia «côrar». E côrar, porquê?!... Não podia responder. O ritmo do seu coração era mais rápido e duro, naquela casa a atmosfera era cada vez mais pesada e opressiva.

Reagiu. Levantou-se, foi até à janela e abriu-a. Respirava com força, as mãos de febre no para-peito sujo e áspero. Debruçou-se mas já o não viu.

Sem querer pensou — «ainda bem que não me tinha visto». Ainda bem, porquê?!...

Veio ao espelho. Estava vermelha, o nariz luzia-lhe, a sua imagem era confusa e enleada. Confusa e enleada, porquê?!...

Abriu um livro, ao acaso, que estava sobre a sua pequena mesa de escrever. Folheou-o, longe dali, longe de tudo. Perto daquela confusão de sentimentos, daquela vergonha estranha e insuportável.

«... A vizinhança dos gelos é indicada por vários factores, dos quais o mais importante é a observação do céu. Este toma, na proximidade dum campo de gelo, um brilho esbranquiçado particular (iceblink); no horizonte, num tempo claro, o céu é mais pálido do que no zenite, e durante as noites enluaradas vê-se uma tinta leitosa no céu, na direcção do gelo».

É inútil acentuar o perigo para a navegação que representa um iceberg. De facto...».

Fechou o livro num repêlo. Que lhe importavam os icebergs!... No dia seguinte tinha aula de Ciências Geográficas, podia ser chamada... E depois?!... Que é que isso a interessava?!...

O livro mergulhou no cesto dos papéis. Blá deitou-se sobre a cama. O liceu, as lições, os livros, os cadernos, o horário... nada tinha valor. O Mundo continuava. Como seria a voz dêle?!... Bonita, decerto. Grave, cheia, séria, meiga. Como o Tino Rossi, não. Uma voz de homem, uma voz de quero, posso e mando.

Possivelmente, nunca mais o veria, e ela não passava duma rapariga como tantas. Ainda se fosse bonita, muito bonita!... Como aquelas do cinema, como as das capas das revistas.

Se ela fosse tão bonita, como alguns rapazes diziam, ele não se te-



voz alta como um folhetim, na cozinha, depois do jantar.

Entrou para o liceu. As conversas andavam à roda do mesmo ponto. E duma vez que a sua colega de carteira não sabia responder à carta românticamente idiota dum vizinho do mesmo tamanho, Blá lembrou-se de tudo quanto aprendera, embora sem se aperceber do seu fundo humano e escondido. E respondeu em nome da colega.

Mais tarde, tinha já treze anos (uma velha...), quis experimentar por suas próprias mãos aquela correspondência encantadora e proibida. Lançou as suas vistas. E escreveu a um pequeno esgruvidado que morava em frente — cômico e desengaçado, de boné cinzento com a pala muito comprida e botas enormes de vitelo.

Blá, entre outras coisas, queria saber o seu nome e idade, o ano em que andava.

si, o vago pressentimento de que sucedia alguma coisa.

Foi crescendo e compreendendo. Aprendeu a dominar-se e a dissimular. Aprendeu a ser mulher. O seu primeiro namorico, o primo da Maria Clara, foi uma experiência útil e preciosa. Blá decidiu, então, nunca mais namorar. Tinha dezasseis anos e a decisão pareceu-lhe simples e fácil de cumprir.

3.

Numa tarde de primavera, um rapaz seguiu-a. Era um rapaz já velho, de chapéu atirado para a nuca, os olhos negros e fundos, as mãos nos bolsos, o cigarro descaindo-lhe ao canto da boca, um modo decidido e penetrante de olhar para as raparigas. Ele veio atrás dela até casa. E quando chegou à janela, espreitando-o por entre as cortinas, ainda lá estava, encostado a um

ria ido embora, esperava mais tempo, estaria ali horas esquecidas, encostado ao cadeiro, à espera de que ela aparecesse. E mais tarde, sim, viria até à janela. Indiferente, como se não se importasse com ele. (Muito indiferente, não, que ele podia ir-se embora...). Mas um bocadinho de indiferença é como o sal da comida — dizia a tia Lúcia.

E depois... Depois é continuaria a segui-la, muitas manhãs, muitas tardes. Ela a vir do liceu, a passar pela «Ford» e logo é a segui-la, de longe.

E ela indiferente, a olhá-lo só às vezes... fugidamente... Até que uma vez éle havia de lhe falar. Pedir-lhe desculpa, de chapéu na mão, pedir-lhe, numa voz muito trémula e sincera, para a acompanhar. Ela não responderia. Éle, ao seu lado, continuava falando, dizendo coisas muito bonitas e muito verdadeiras... daquelas coisas que dão logo vontade de acreditar...

Blá continua pensando. Volta-se na cama, amacha a almofada, abre os braços, estira as pernas, brinca com o cabelo.

«... durante as noites enlouradas vê-se uma tinta leitosa no céu, na direcção do géllo...»

Devia ser lindo — as noites enlouradas... na direcção do géllo... um pequeno vapor de filme cortando as águas geladas, muito devagarinho, a proa chapeada de ferro... E éle e ela, mais ninguém, os dois sôzinhos, a ver o céu e o mar, e os blocos brancos do géllo cortado num marulhar constante e profundo do que ressoava na solidão gelada...

Ela teria frio. E os dois envolviam-se numa grossa e pesada capa que a cobriria até aos pés. E o braço dêle estaria, decerto, à volta da sua cintura...

Blá tem um risinho nervoso e comprido. Levanta-se dum salto, estica as meias, ageita a blusa, penteia os cabelos desmanchados.

Olha-se de novo ao espelho. Volta à janela, debruça-se. É quasi noite. Lá em baixo, na rua, passam homens apressados. Blá, então, pensa que um dêles podia muito bem ser éle. E como gostaria de esperar à janela — como fazem as milhares de raparigas felizes e casadas que há em Lisboa.

Fecha os olhos. Fecha os olhos com força para aquilo tudo parecer verdade. E quando os abre vê o seu quartinho de menina solteira, a mesa com os livros e os cadernos, o espelho, a cama estreita com uma só almofada. (Uma só almofada).

Blá fica triste. Cerra a janela muito devagar. Volta para dentro. Uma névum desceu sobre os seus olhos sem névums. Senta-se no «maple» azul e esforça-se por pensar noutra coisa. Não é capaz. Olha o teto simples que a sua imaginação vai colorindo. Fica pensando e sonhando.

Blá sonha, Blá aprende a viver.

4.

O tempo foi esmoendo. Veio o Julho angustioso dos exames, o Agosto das praias. Na vida de Blá há um fantasma: a imagem daquele rapaz que um dia a seguiu na rua.

Tôda a memória dêse rosto sobre inteirinha à flor dos seus olhos.

Tudo aquilo lhe pareceu um sonho, daqueles que são mais fundos e vivos porque se sonham acordados. Blá nunca mais o viu. Pensa nêle, porém, em todos os momentos em que é senhora de se recolher à confusão alegre da sua vida interior...

Veio Outubro e um filme de Robert Taylor. Blá gostou do famoso Bob de que tôdas as suas amigas lhe falavam. Acha-o parecido com aquêlo outro que ela tem mesmo à beira do seu coração. Os olhos e a bôca são tal qual. O cabelo é que não — o cabelo de Bob é mais bonito. Além disso, o seu príncipe usava chapéu até nos sonhos — um chapéu cinzento atirado para a nuca.

Depois, uma vez, a irmã falou-lhe de Tyrone Power. Blá viu e também gostou. Principalmente dos olhos e do sorriso. Os olhos eram mais bonitos ainda do que os daquele rapaz que um dia a seguiu, na rua... A figura também. No entanto: o cabelo de Bob era mais ondulado e mais belo. Semelhante ao dum seu colega da Faculdade. Mas o colega tinha o queixo feio e aguçado. O cabelo é que era o de Bob sem tirar nem pôr.

O seu príncipe estava a perder nos olhos e no cabelo. Na figura também.

E afinal — quem era o seu príncipe?!... Um sonho?! Sim, um sonho de que ela conhecia o envôlucro físico: o cabelo de Bob, os olhos e a figura de Tyrone, talvez as mãos compridas e morenas do colega da Faculdade... o resto sim, o resto era daquele rapaz que um dia a seguiu na rua...

E o seu sonho foi um amálgama de muitas imagens reais. Imagens que ela bebia com os olhos...

Mais um ano se passou. E outro ano...

Blá estava mais alta e mais mulher. Mas lá dentro de si própria anda um sonho a dançar — um sonho que já não sabe onde começa e acaba, onde vive. E era como se êsse sonho se soltasse das suas mãos e estivesse para sempre perdido num céu luminoso e claro. Balão azul de Santo António.

5.

O tempo foi rodando, esquecendo e fugindo. Atrás de um dia, outro vem. Enchem-se as árvores de fôlhas para mais tarde se perderem. E as fôlhas sêcas andam pelos jardins e pelas poesias dos poetas românticos.

Blá hoje já não é Blá: é Belarmina. Assim lhe chama o marido, homem positivo e teimoso, que não concorda com diminutivos.

E ao fim de dois anos de casada, Belarmina mal se recorda daquela outra que um dia foi. Pensa nas criadas e no custo da vida, nos vestidos e nos chás da tarde. E pensa ainda no almôço à uma em ponto. Uma em ponto — pois o seu marido tem que estar às duas menos um quarto ao balcão da sua retrozaria.

PARA BOAS 'FOTOS'...
AO SOL OU Á SOMBRA
use película
Kodak



Elle corrige os vossos erros de exposição... Faz a "foto" onde e quando qualquer outra falha. Encontra-la-eis em tôdas as boas casas de artigos fotográficos.

KODAK, LIMITED 33, Rue Garrett Lisboa

F-38/53



A VOZ DE LONDRES

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	{ GRU 31,75 m. (9,45 mc/s)	
		{ GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14.15	Noticiário	{ GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		{ GRU 31,75 m. (9,45 mc/s)	
14.30	Actualidades	{ GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
23.00 (*)	Noticiário	{ GRX 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		{ GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)	
23.15 (*)	Actualidades	{ GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



O DISTINTO ESCRITOR E JORNALISTA OLDEMIRO CÉSAR fazendo, na S. N. E. A., a sua conferência sobre a questão do monumento a Camilo.

LEIA TODOS OS SABADOS

VIDA MUNDIAL

Fala-se do poeta João de Deus, da cartilha maternal, dos jardins escolas e da exedra a inaugurar no dia 10

Uma reportagem de Manuela de Azevedo

VAI pelos ares um cheiro bom a rosas de tocar de sabrochando e os canteiros, bordados de tons fortes de verde, disputam às sardineiras rubras a supremacia das côres. Nesta manhã de Junho festivo, tudo está banhado de um Sol caricioso e parece que se levanta da terra uma voz agradecida:

— Louvado seja o Homem que nos deu a graça de sermos nós o ninho de tanto amor e saber!...

E o Homem tem, efectivamente, sido louvado por tanto amor e saber ter dado a terra e aos outros homens que a povoam...

O poeta de S. Bartolomeu de Messines ocupa toda a alma e todo o corpo do edificio. É uma presença fluida e perturbante que se prolonga na obra do filho—essa obra que nós quisemos ver para explicar. Lisboa ouviu falar dela: é ali acima, à Estrêla, mesmo na avenida Pedro Álvares Cabral e fica lá ao cimo, oninhada à sombra de árvores moças. Lisboa sabe isto. Mas é preciso ir ao Jardim-Escola João de Deus para saber o que aquilo é: mo-

dêlo vivo do que o poeta escreveu na «Cartilha Maternal» — essa Cartilha que os meninos da sua terra não tinham e que Teófilo Braga com Herculano saudaram, muito antes da glorificação do pedagogo, no Teatro de D. Maria II, com a presença de el-rei nosso Senhor D. Carlos...

Vai agora — no dia 10 — inaugurar-se, no Jardim da Estrêla, a exedra à memória do autor de «Campo de Flores». E nenhuma melhor ocasião para evocar a história da «Cartilha Maternal», escrita nesta obra pelo filho — o sr. dr. João de Deus Ramos. Vamos falar-lhe — nervos e cérebro da idéia que Afonso Lopes Vieira uma vez lançou na Imprensa: a realização da Escola-Monumento.

O sr. dr. João de Deus Ramos pela manhã alta ainda está atarefado, diante daquela mesma mesa a que se sentou seu pai. Mas uma pausa no trabalho, para falar da obra — é apenas uma variante do próprio trabalho:

— A «Cartilha Maternal» recebeu desde logo o estímulo-das entidades oficiais, ainda antes de 1888, que foi quando o Governo, por proposta apresentada às Côrtes, considerou nacional o método João



Quem duvidará da caligrafia de um tal «escritor»?



... Uma pausa no trabalho para falar da obra...

de Deus. Entretanto, para ser ensinado tal como fôra concebido pelo poeta era preciso começar pelo princípio: aprender para ensinar.

As Câmaras Municipais começaram a enviar professores que eram iniciados no estudo por mau pai.

— E foi então que...

— ...em Maio de 1882, surgiram as Escolas Móveis pelo método João de Deus, uma iniciativa de Casimiro Freire... Esse processo ambulante de ensinar era porém incomodo. E delas nasceu a Associação dos Jardins-Escolas João de Deus...

— Em que data funcionou o Jardim-Escola de Lisboa?

— Em Junho de 1915 — o que representa uma matrícula de 3.403 crianças, média anual de 130, e um total de 770.346 refeições distribuídas...

— Como funciona a Escola?

— Como nenhuma outra. Porque, a pesar de seguirmos o sentido geral que orienta L'École Maternelle, a Casa dei Bambini e o Kindergarten, estes Jardins-Escolas têm feição absolutamente própria. Repare nesta casa, expressamente feita para este fim: não tem sequer corredores. A criança — dos 4 aos 8 anos — vive aqui quasi metade dos seus dias num constante encanto e numa laboração cerebral altamente aproveitável. As aulas onde aprenderá a escrever, a contar e a ler, pois sai daqui apta a matricular-se na 3.ª classe, funcionam das 9 às 5 da tarde, distribuídas entre horas de gymnastica, jogos educativos e trabalhos manuais.

— Aprendem a brincar...

— Nada disso, o aprender é coisa muito séria. Pretende-se ocupar a ociosidade da criança, dando-lhe meios de conhecer a vida, fora do vocabulário da servilha inculta ou mãe sem instintos de boa educação... O cérebro da criança é um disco de receptividade: tem a curiosidade de aprender — recebe bom e mau, pelo que é necessária a seleção de ensinamentos, dentro de intenções absolutamente nacionais...

E exemplificam:

— O povo português sofre da tendência do impressionismo que o leva a cair na psicologia sentimental, fora de manifestações de capacidade reflexiva... A escola — na falta do lar — deve corrigir essa tendência, por processos racionais...

— Mas tudo custa dinheiro...

— Evidentemente. E o pior é que nem sempre somos compreendidos... Mas quando o rendimento da escola não dá, socorremo-nos do cofre social. De resto, o Estado ainda hoje contribue com um pouco mais de 100 contos por ano...

Devagarinho, fomos nos encaminhando para o gymnásio. Umhas dezenas de crianças, de brancos erguidos, fazem gymnastica — ou melhor: aprendem a disciplinar os movimentos. As instrutoras ajudam:

— Vá lá, levante os bracinhos...

Daí a pouco toca para o almôço. Vão todos lavar as mãos — há um lindo balneário com chuveiro para todos — e faz-se a distribuição de guardanapos, todos iguais, com o número do seu senhor e fitinhas a apertar no pescoço...



... senhores do seu papel, saboreiam a sopa.

Amorosamente, são servidos, ajudam-nos a sentar, a tomar posições, a ajeitar o prato. Este toma remédio. Trouxe-o de casa. Mas aquêlé é pobre, deu-lho a Escola.

Muito compostos, senhores do seu papel, saboreiam a sôpa. Nem se levantam, nem fazem muito barulho nem tem perrices como certos meninos que nós conhecemos...

— Temos crianças de tôdas as condições sociais: das que vivem ali para os pátios de miséria e das que vinham de automóvel quando havia gasolina...

Mas tôdas vestem de igual: bibes de xadresinho azul e branco para os mais pequeninos, branco e rosa para os do meio e castanho e branco para os da última secção — os que se aprontam já para entrar na terceira classe de instrução primária.

O sr. dr. João de Deus Ramos explica:

— A Escola empresta os bibes aos ricos e aos pobres. E a êstes dá alparatas azuis — iguais às de to-

dos, aqui dentro — quando a comissão de assistência o acha conveniente.

E em voz mais baixa: — Quere acreditar que eu próprio desconheço quais são os que não pagam mensalidade? É um verdadeiro segredo do Estado! Aqui são todos iguais!...

— Fala-se na construção de novas Escolas...

— A Associação projecta a construção de cinquenta edificios, contando com os existentes, entre os quais o de Vizeu, a inaugurar em Setembro, pela Feira Franca, e outro no Pôrto, linda iniciativa da Liga de Profilaxia Social...

E, noutra explicação:

— Para erguer cada uma destas escolas, é necessário obter a afeta do terreno, uma comparticipação do Estado, pelo Fundo do Desemprego, o auxilio do cofre social, a receita pequena dos alunos que podem pagar, a organização de festas... O nosso cofre conta hoje com milhares de sócios — mas tudo é tão di-

ficil de obter, numa conjugação de esforços, que eu não sei quando será realizável o projecto da Associação...

E, depois de uma pausa:

— De resto é bom esclarecer que aqui dentro só é remunerado o professorado e o outro pessoal de arranjo de casa...

— Só recebem crianças portuguesas?

— E estrangeiras. Ainda há pouco deixou a nossa escola o pequeno Wang, filho do sr. consul geral da China...

E, sorrindo:

— Foi contentíssimo, orgulhoso do seu grande diploma, que era o primeiro concedido a um chinêsinho...

— É o recrutamento do pessoal?

— Uma dificuldade! A maior parte dos professores foram recrutados no nossos cursos de aperfeiçoamento.

— E êses cursos...

— Funcionam no Museu João de Deus. Duram 30 a 60 dias e o estágio de um ano neste Jardim-Escola garante-lhes absoluto conhecimento do método educativo.

O sr. dr. João de Deus Ramos, director e animador de obra tão simpática tem o conhecimento experimental dos factos: êle gostaria que uma professora das primeiras letras não tivesse mais de 40 anos.

Mas a Associação não dispõe de verba para reformas e nenhum entendimento existe com as entidades officias, de maneira que essas professoras possam transitar para outras classes mais adelantadas, fora dos Jardins-Escolas.

— Ligados, portanto, à Asso-

ciação... — Temos o Museu João de Deus — bibliográfico, pedagógico e artístico — com 12 mil volumes para estudo do problema da cultura portuguesa; temos os cursos de aperfeiçoamento de professores temos os Jardins-Escolas, onde se gastam diariamente cerca de mil escudos.

— Há cursos gratuitos?

— Absolutamente gratuitos para os pobres que recebem todos os benefícios materiais com as duas refeições diárias, utensílios de ensino, uniforme, banhos e assistência médica. Isto tudo tem também os que não são pobres a troco de alguns escudos mensais...

— E fora de Lisboa...

— Temos os Jardins-Escolas de Coimbra, Figueira da Foz, Alcobaca, Alhadas, Leiria, Castelo Branco e Vizeu.

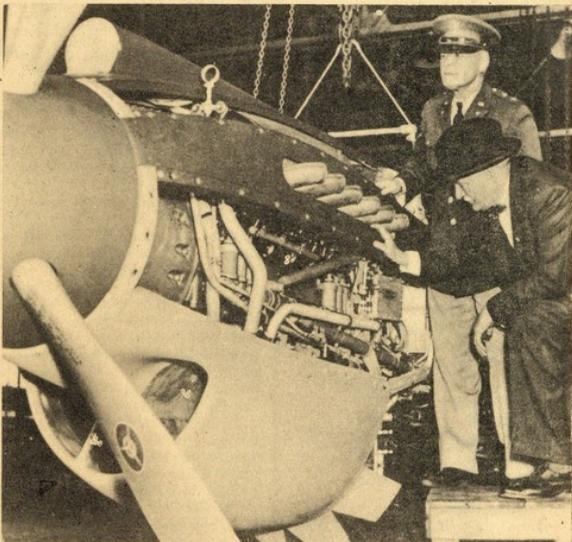
— Quantos professores para tão grande população pró-primária?

— Três professoras e três serviços apenas...

Tudo isto, que é tanto, que não tem fins que não sejam um alto principio educativo a defender — nasceu do poeta João de Deus pelos filhos. E é um filho do poeta que, hoje, na devoção pela memória do pai, prolonga e materializa uma idéa gentil de pedagogo...

Daqui a pouco, vai aparecer aos olhos de Lisboa a exedra a João de Deus — um projecto de Raúl Lino, servido pelo cinzel de Leopoldo de Almeida.

Junho festivo anda doido — mas doido de alegria e êle bem sabe por quê...



O TENENTE-GENERAL ARNOLD, chefe da aviação militar dos Estados Unidos, inspecionando, com o general Knudsen, o potente motor «Allison» dum novo «caça» P-40, acabado de sair da fábrica.



— Vá lá, levante os bracinhos.

Vida
MUNDIAL
de Illustração

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00;
6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.
Estrang. c/convenção — 12 meses (48 núm.) — 65\$00.
Estrang. s/convenção — 12 meses (48 núm.) — 80\$00.

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

NORBERTO Lopes, velho amigo e camarada, evoca, num recente volume de incontestável interesse, a figura de Teixeira Gomes, o «exilado de Bouças». O ex-presidente da República cujo fraque sempre impecável vestia, não um político, mas estruturalmente um homem de letras, surge agora, através das páginas deste livro, integrado na sua verdadeira personalidade, esclarecendo-se muitos aspectos, porventura imperfeitamente conhecidos, da sua vida política. Teixeira Gomes nunca foi, deve notar-se, o que habitualmente se chama um político, posto que, desde a mocidade, se confessasse republicano. A República, porém, dentro da sua concepção intelectual da política, constituía para ele, não uma espécie de Maria da Fonte de espada e de barrete frígido, mas uma autêntica estátua de mármore, bela e nobre, coroada de bronze à semelhança de certas estátuas gregas. Os seus dois longos anos no supremo pósto público encarregaram-se de demonstrar-lhe — e com dolorosa evidência — que as estátuas são puras imagens de museu e que as realidades da vida, principalmente da vida política, não criam, em regra, senão frágeis bustos de gesso. Norberto Lopes conseguiu dar-nos de Teixeira Gomes uma reportagem, sem dúvida oportuna, da existência dum homem que o destino coroou de rosas — não se esquecendo de lhe oferecer ao mesmo tempo os seus espinhos.

UM JANTAR DE GALO

ANTÓNIO Maria Pereira, conhecido livreiro editor, ofereceu, no dia 7 de maio último, um jantar ao romancista Augusto da Costa para celebrar a décima milionésima edição do *Galo doido*. Damos a ementa:

CANJA de «Inocentes» galinhas PEIXE — «Fish» (sempre fixe) em pastéis de D. Maria de Vasconcelos

CARNE — «Problema do tempo presente»

PAO E LARANJAS SOBREMESA: docemente (mente porque não há açúcar)

Trajo: de «Linha quebrada».

LAMEGO

O illustre escritor coronel Mário de Campos, que é de Lamego, contava-me outro dia que um padre seu conterrâneo afirmava com frequência, ardendo no mais puro amor patriótico:

— Lamego é o terror dos povos vizinhos e o assombro das nações estrangeiras!

ANTERO

ANTÓNIO Sérgio realizou recentemente no *Ateneu Comercial* uma conferência sobre a personalidade de Antero. A sala estava cheia; o calor era muito; a conferência, posto que interessantíssima, prolongou-se talvez demasiadamente, e muita gente veio tomar ar para o largo pátio do Ate-

OLÁ, VELOSO AMIGO!



Tôdas as manhãs um homem sobe ao zimbório da Estréla, assenta no chão direito um grande canudo de latão à semelhança dos velhos astrólogos e observa o horizonte universal. Isto dura largo tempo. Depois desce, dirige-se para casa, fecha-se no escritório — e escreve as suas notas. Esta série de factos repete-se, há centenas de anos, em cada dia que passa, com uma pontualidade britânica. O homem que trepa ao zimbório, que assenta o canudo, que surpreende os espaços e que nos transmite o resultado das suas observações pessoais e internacionais — é o dr. Francisco Veloso. Não sei se o conhecem fisicamente? Nem alto, nem baixo, nem gordo, nem magro; sob o nariz um apontamento ou, com mais rigor, um desapontamento de bigode; na cabeça, a névoa branca duma calvície ponderada e filosófica; um sorriso nos lábios; um chapéu na mão. Culto; viçado; perspicaz; conhecendo os segredos de Estado e revelando-os com irrepreensível discreção; sabendo, muito melhor do que eles próprios, o que pensam os políticos e os generais, os diplomatas e os estrategas; possuindo da vida internacional a impressão exacta dum grande circo em que se praticam as mais inverosímeis peripécias. — Francisco Veloso é, sem dúvida, um dos mais considerados «ciceronis» desta grande torre de Babel que é o mundo. As suas observações são sempre sugestivas. Os seus comentários sempre flagrantes. O seu prestígio jornalístico incontestável. Poucos portugueses se permitirão a honra de ser, como ele, citados nos «Lusiadas». Na verdade, Camões, numa das suas estâncias de bronze, já a ele se refere e ao seu papel de cronista.

Consentem nisto todos e encorremam
A Veloso que conte isto que aprova,
Contarei, disse, sem que me repreendam
De contar coisa fabulosa ou nova...

Como vêem, já no século XVI, Francisco Veloso contava coisas...

neu. Por isso, alguém dizia, com graça:
— Isto aqui é o Antero... do Quintal!

PALMAS DE OIRO

A Academia Brasileira conferiu a Eduardo Schwalbach as «palmas académicas». Eram as únicas palmas que não tinham dado ainda ao dramaturgo.

A SUBLIMAÇÃO DA VIDA

O dr. João de Deus Ramos, espirito sempre vivo e curioso, recordava um dia destes, diante de mim, uma frase de Teófilo Braga que deve ser a etiqueta dos que ultrapassam certa idade:

— A velhice é a sublimação da vida! Alegrem-se, pois, os sublimados!

AMOSTRAS COM VALOR

O senhor poeta Afonso Lopes Vieira — poeta mesmo quando escreve em prosa — publicou agora um volume que intitulou *Nova Demanda do Graal* e em que um dos capítulos, dedicado à linguagem, constitue, pela observação pela graça, pela vivacidade e pela risonha filosofia que o anima, uma verdadeira lição de boas-lettras. Transcrevo três ou quatro máximas a título de amostra; e pela amostra se adivinhará o resto:

Gaguejar a escrever é mais comum que a falar.

Oh! os sonetos, «tricot» de mulheres!...

Podia haver prémios literários conferidos a escritores para que não escrevessem.

Há gente que penetra na poesia como rinocerontes num jardim.

AS MULHERES E AS LEOS

QUE diferença há entre uma mulher e uma leoa?

— É que a mulher usa «báton» e a leoa... rouge!

FEIRA DO LIVRO

NA tarde da abertura da Feira do Livro — um feliz empreendimento que se converteu em instituição — um numeroso grupo de pessoas (entre as quais se destacava a volumosa e simpática presença de Perry Vidal) encontrava-se parado diante duma das barracas dificultando a passagem. De repente, uma voz gritou:

— O senhor Perry Vidal, olhe que está a impedir o trânsito!

TRINDADE

O professor Artur Trindade queixava-se, há pouco, num grupo, de alguns achaques que o estavam deitando abaixo. Logo um dos presentes atalhou:

— Deixa-te de lamentações, homem! O Carmo pode cair; o Trindade, não.

MEIO TOSTÃO

COM as novas tarifas dos eléctricos acabou em Lisboa o chamado problema do «meio tostão». Faremos votos para que não surja em troca (aliás em trocos), o problema do tostão...

ESCLÁPIO

SEMPRE que Esculápio passava para o «Século», havia um sapateiro que o cumprimentava:
— Boa tarde, senhor Chico!
Chico? Um dia Esculápio franziu o nariz:
— Homem, eu não sou Chico!
— Ah! não?
— Não sou, já lhe disse...
— Então o senhor não é Chico-lápio?

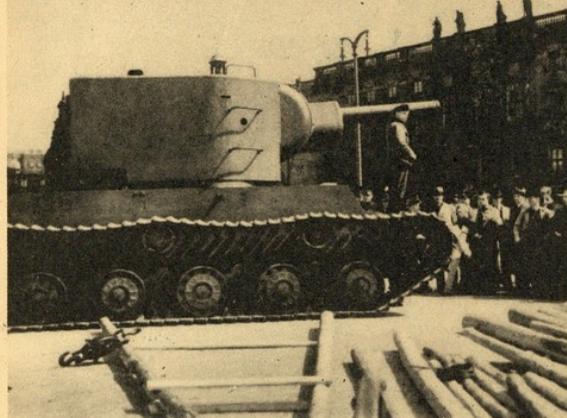
Luis S'oliveira Junior



na frente da **Russia**
 Os exércitos do **Reich**
 procuram abrir caminho

Vida
MUNDIAL
 Ilustrada

SOLDADOS DAS FORMAÇÕES DE ENGENHARIA das tropas do Reich procedendo ao trabalho de remoção dos blocos de gelo que se acumulam numa das margens do Donetz, impedindo o avanço das tropas acantonadas numa cidade.



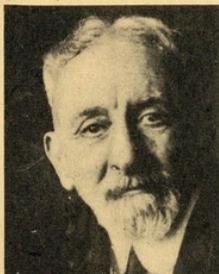
PREPARATIVOS PARA A EXPOSIÇÃO «O Paraíso soviético», a realizar em Berlim. Em cima, um avião de caça «Rata» apreendido aos russos. Em baixo, um dos carros de assalto gigantes também apreendido pelas tropas alemãs durante os renhidos combates travados na frente leste.



A COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA no novo reino da Croácia. Camponesas vindas à capital — Zagreb — entoam nas ruas o hino nacional.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

EDUARDO SCHWALBACH



A quem a Academia Brasileira de Letras concedeu, recentemente, por proposta dos académicos srs. drs. Cláudio de Sousa, Clementino Fraga, Osvaldo Orico, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Peixoto e Aloísio de Castro, as «Palmas Académicas» de ouro. Igual distinção foi conferida ao professor e escritor sr. dr. Fidelino de Figueiredo. Lisboa inteira conhece e estima Eduardo Schwalbach, grande homem de teatro e jornalista, espirito gentil e bondoso, «grande talento a que corresponde um nobre carácter», como muito bem disse João Luso, na Academia. Justissima, pois, mais esta homenagem

FERNANDO FRAGOSO



Distinto jornalista cinematográfico, com uma obra séria, honesta e brilhante, ao serviço da arte das imagens e do som, afirmada em numerosas publicações da especialidade a que tem ligado o seu nome como director e redactor, e em trabalhos de cinema a que tem dado a sua colaboração talentosa. Fernando Fragoso é o autor do livro «Hollywood em Lisboa» que, numa bela edição de «Vida Mundial», acaba de ser pôsto à venda em todo o país, e ao qual está destinado um êxito excepcional pelo interesse dos assuntos e figuras que nêlo prepassam e pela maneira como o autor os descreve.

CARICATURISTA ZECO



Artista de reconhecidos méritos, de quem o público tem apreciado numerosas produções, flagrantemente de graça e de pitoresco e que em «Vida Mundial Ilustrada» vem, desde o primeiro número, caricaturando as mais destacadas figuras da vida nacional. Zeco, um novo cheio de qualidades, obteve ainda recentemente novo triunfo na festa «Comemoração dos 50 imortais da Calçada da Glória», promovida pela nossa revista nas salas do Ateneu Comercial. Ali se encontram ainda expostas 50 caricaturas suas — que bem merecem ser vistas e admiradas.

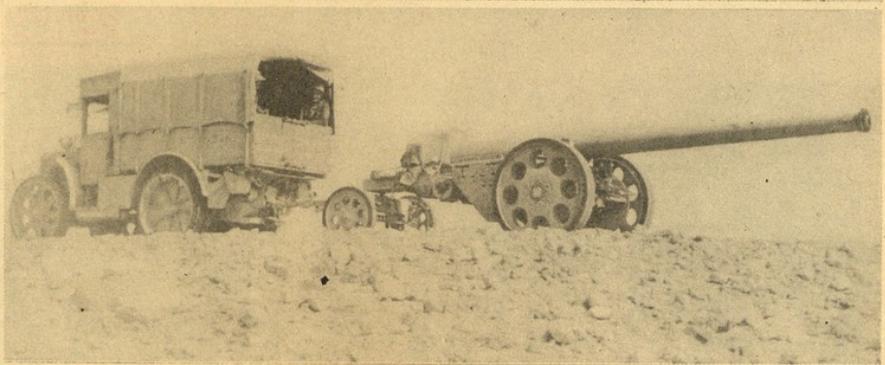
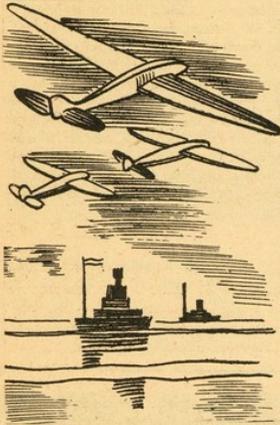
DR. JOSÉ AUGUSTO ALVIM



Ilustre jornalista brasileiro que acaba de ser nomeado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Rio de Janeiro seu delegado permanente junto do Secretariado da Propaganda Nacional. O sr. dr. José Augusto de Carvalho Cesário Alvim, tem 31 anos, é formado em Direito na Faculdade do Rio de Janeiro e esteve na redacção dos «Diários Associados» — uma das mais importantes organizações jornalísticas do Brasil. Em 1939, esteve em França em missão especial, tendo seguido um curso de especialização na Sorb'onne. Esteve, depois, em Lisboa como delegado do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, do Brasil, numa importante missão comercial



a nova fase da campanha da Líbia



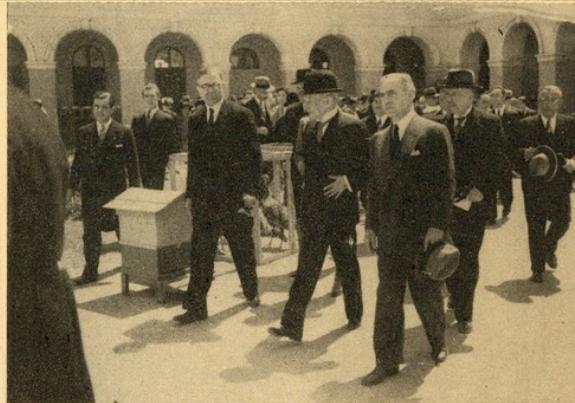
DE CIMA PARA BAIXO: Parada de «caças» italianos do último modelo, utilizados na actual ofensiva das forças do «Eixo» na Líbia; carros armados italianos lançados no ataque a leste de El Mechili; uma bateria italiana de calibre médio deslocando-se na mesma zona.



OS ARTISTAS E A ORQUESTRA que tomaram parte na festa da «Filmagem», de homenagem a Jorge Brum do Canto, a Graça Maria e a Oscar de Lemos, realizada recentemente no São Luiz Cine.



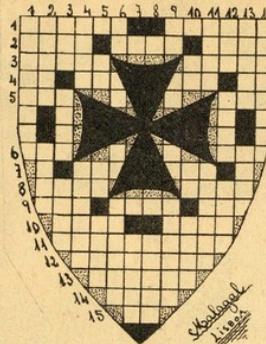
O CASTELO DE S. JORGE foi, no domingo passado, entregue à Câmara Municipal de Lisboa e confiado à guarda da «Legião Portuguesa». A foto mostra-nos os srs. Presidentes da República e do Conselho e membros do Governo durante a cerimónia nêsse dia efectuada.



O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA inaugurou no sábado, na Tapada da Ajuda, a III Exposição Nacional de Floricultura e a 32.ª Exposição de Avicultura e Cuniculicultura. As fotos que acima publicamos mostram-nos o Chefe do Estado com alguns membros do Município, durante a visita

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 27



Será útil. 5 — Artigo (pl.); Acidente; Em roda. 6 — Preposição e artigo; Contração de preposição e pronome; Nota musical; Alvorota. 7 — Mata pequena e espessa. 8 — Tudo que existe (pl.). 9 — Preposição e artigo; Nota musical; Artigo (pl.); Em época mais afastada. 10 — Suspensa; Fazer escala; Verba. 11 — Caução; Que participa de duas coisas (pl.). 12 — Contração de «Belo»; Entusiasmo; Norma. 13 — A maior das três porções do osso iliaco; Grande quantidade (pl.). 14 — Faixa com que as mulheres do povo cingem o peito.

Solução do problema n.º 26

HORIZONTAIS: 1 — Fizar; Fábulo. 2 — Arixara. 3 — Rás; Lui. 4 — Oráculo. 5 — Faxe; Adaca; Util. 6 — Amata; Ama; Anisa. 7 — Ralada; Arilos. 8 — Favoritas. 9 — Sileno; Adobes. 10 — Avira; Ara; Anula. 11 — Rasa; Arêjo; Aies. 12 — Acasuso. 13 — Box; Dar. 14 — Aramada. 15 — Sinos; Raial.

VERTICAIS: 1 — Gafar; Sarja. 2 — Amativa. 3 — Xal; Lis. 4 — Atafera. 5 — Zaro; Adana; Aban. 6 — Arara; Avo; Acoro. 7 — Rizada; Araxás. 8 — Camararés. 9 — Faluca; Ajudar. 10 — Arula; Ata; Osada. 11 — Baio; Arada; Orai. 12 — Unisona. 13 — Til; Bui. 14 — Isotele. 15 — Solas; Sassi.

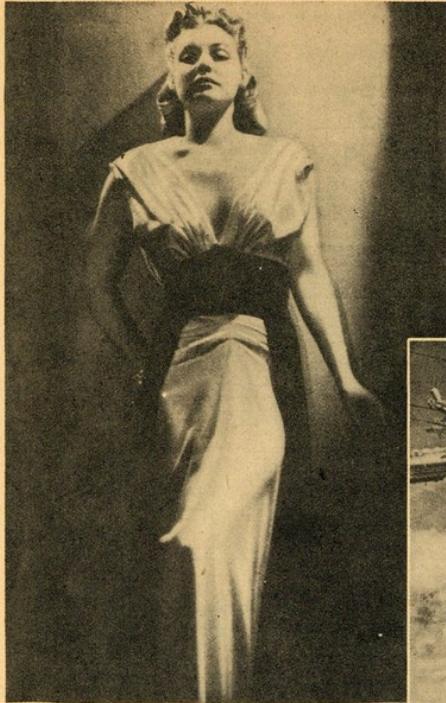
Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — FONSECA e ROQUETE; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de BANDEIRA; e Mitologia — de CHOMPRÉ.



UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA à festa promovida pela revista de cinema «Filmagem», no São Luiz, durante a exibição da «vedeta» Maria da Graça.

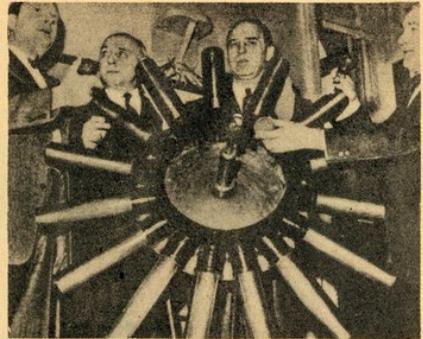


A DIRECÇÃO DO ATENEU FERROVIÁRIO com os representantes da Imprensa visitando a exposição de trabalhos das alunas, aberta nas salas da sua nova sede, recentemente inaugurada.

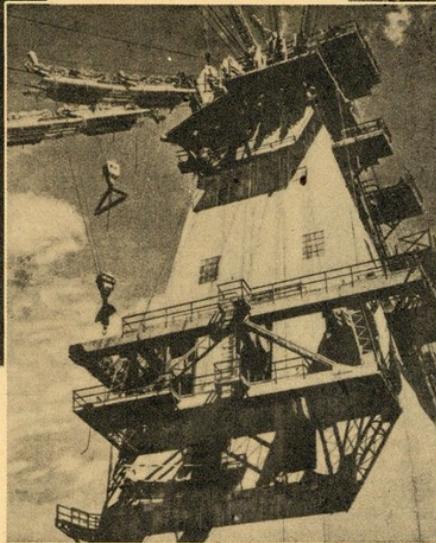


EM CIMA: Uma expressiva foto da grande «estrela» de cinema Ann Sheridan tal como aparece no filme «O homem que veio, jantou e partiu». Nesta produção ver-se-ão, lado a lado, pela primeira vez, a «girl-omph» e a grande actriz Bette Davis

Imagens pitorescas do Mundo



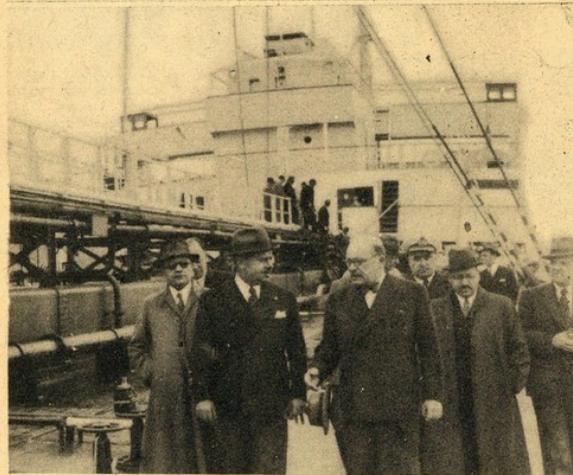
A AVIAÇÃO AMERICANA dispõe agora duma nova e curiosa arma: um disparador automático rotativo que lança cinco mil bombas incendiárias por minuto. Esses projecteis são do tamanho das lâmpadas eléctricas vulgares.



A DIREITA: Na Califórnia, foi necessário construir uma torre elevatória de águas para abastecimento duma grande região. A torre — de quedamos um aspecto — tem 130 metros de altura e eleva as águas do rio Sacramento a um planalto completamente seco que, deste modo, se tornará em terra fértil.



Um aspecto duma curiosa cerimónia que se desenrolou recentemente em Veneza: o casamento, por procuração, de cinco italianas. Os noivos, todos ausentes nas frentes de batalha, enviaram o seu compromisso nupcial por carta. As esposas pronunciaram o «sim» sacramental diante do microfone duma estação de ondas curtas, de modo que a palavra pudesse ser ouvida por «eles», a milhares de quilómetros de distância. Cinco oficiais da licença em Veneza substituíram os noivos conduzindo as jovens à igreja.



DOIS PRETOLEIROS FRANCESES fretados pelo Governo português passaram recentemente pelo Tejo, a caminho da América. São os navios-tanques de grande tonelagem «Primaire» e «Aragaz» que assegurarão o fornecimento de combustíveis ao nosso País. As fotos mostram um dos barcos ancorado no rio e um aspecto da visita que a eles fizeram os srs. Ministro da França, Subsecretário de Estado do Comércio e outras altas individualidades.



O SR. DR. MARQUES GUEDES fazendo na sede do Grupo Desportivo Estoril Plage a sua conferência sobre «O homem nos aspectos social e moral».



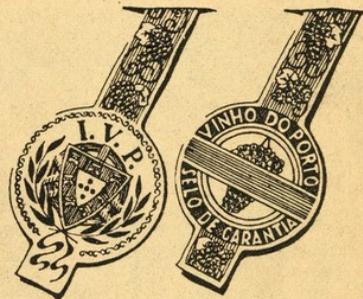
A JORNALISTA E ESCRITORA D. Fernanda Reis lendo, no Ateneu Comercial de Lisboa, a sua conferência sobre «A mulher portuguesa e o Império».



1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

APYROL

A venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogeries

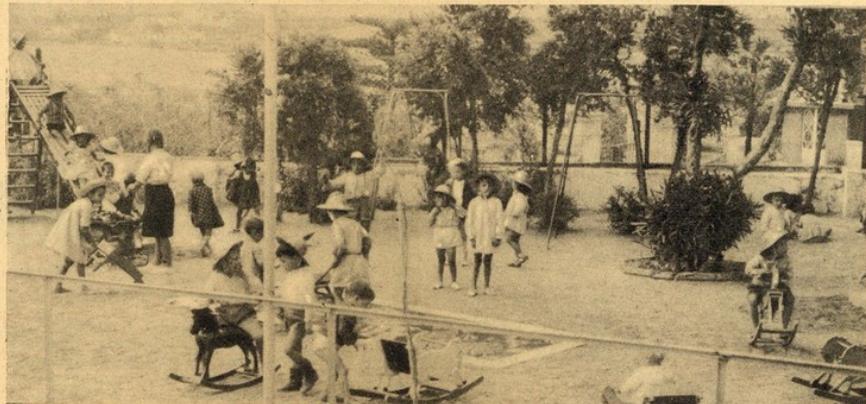
O parque infantil do Carnide Clube



O Carnide Clube, modesta e simpática colectividade desportiva, construiu recentemente, nos terrenos anexos à sua sede, um Parque Infantil, destinado não só aos filhos dos seus sócios, como a todas as crianças de Carnide. A obra é meritória e de grande alcance social. Os pequenos encontram ali ambiente carinhoso, disvelos que a família, ausente no trabalho, lhes não pode dar, — mesmo até por não ter possibilidades de o fazer. Brincam, respiram ar são, e vão instintivamente educando-se.

O Carnide Clube recebeu há dias os jornalistas e mostrou-lhes a obra: esforço e tenacidade de meia dúzia de corações sinceros e benfazejos. A alegria da petizada transparece das fotos desta página. Em todos, um sorriso, que é sem dúvida, o melhor reconhecimento.

(Fotos Armando Seródio)





O INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXERCITO comemorou, recentemente, com várias solenidades, o aniversário da sua fundação. A foto mostra-nos o sr. general Carmona assistindo ao desfile dos alunos. A seu lado, os vrs. ministro e sub-secretário da Educação Nacional, sub-secretário de Estado da Guerra e altas personalidades militares.



AS CRIANÇAS recolhidas na nova creche da Junta de Freguesia do Campo Grande, recentemente inaugurada.



UM ASPECTO DA CHEGADA A LISBOA dos funcionários diplomáticos brasileiros que representavam o seu país nas nações do «Eixo» e agora regressam ao Brasil.



O PROF. IVO CRUZ dirigindo a Orquestra Filarmónica de Lisboa

Acaba de ser posto à venda um livro sensacional

DIZE TU, DIREI EU

Por **LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES**

67 entrevistas cheias de revelações e confidências

35 caricaturistas ilustram este livro

ALGUMAS DAS NOSSAS GRANDES

FIGURAS DE HOJE NA INTIMIDADE

DOCUMENTÁRIO DE UMA ÉPOCA

UMA ARTÍSTICA EDIÇÃO DE

«**VIDA MUNDIAL**»

320 PÁGINAS — ESC. 15\$00

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS:

AGÊNCIA INTERNACIONAL — R. S. NICOLAU, 119
LISBOA

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º —
Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Ber-
trand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.
— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO E IAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTACOES	m.	Kc/s
9,50	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61 Kc/s 15,300
		{ 2 RO 4	m. 25,40 Kc/s 11,810
13,15	Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	m. 15,31 Kc/s 19,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88 Kc/s 17,770
17,30	Noticiário	{ 2 RO 17	m. 15,31 Kc/s 19,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88 Kc/s 17,770
22,10 e 0,10	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61 Kc/s 15,300
		{ 2 RO 22	m. 25,10 Kc/s 11,950
1,	Noticiário	{ 2 RO 4	m. 25,40 Kc/s 11,810
		{ 2 RO 3	m. 31,15 Kc/s 9,630
		{ 2 RO 11	m. 41,55 Kc/s 7,220
		{ 2 RO 11	m. 203,20 ondas médias
		{ 2 RO 6	m. 19,61 Kc/s 15,300
		{ 2 RO 19	m. 29,04 Kc/s 10,330
		{ 2 RO 18	m. 30,74 Kc/s 9,760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA
(às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
22,20 (aos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
(às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950



2
PRODUTOS
INDISPENSÁVEIS
À BELEZA
DA SUA PELE

Creme e Pasta de Amêndoas

Rainha da Flungria

SÃO PRODUTOS M.^{ME} CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo



O SR. DR. JOAQUIM MANSO pronunciando na Sociedade de Geografia a conferência «Um povo e um poeta» da série promovida pela Secção Brasileira do Secretariado de Propaganda Nacional



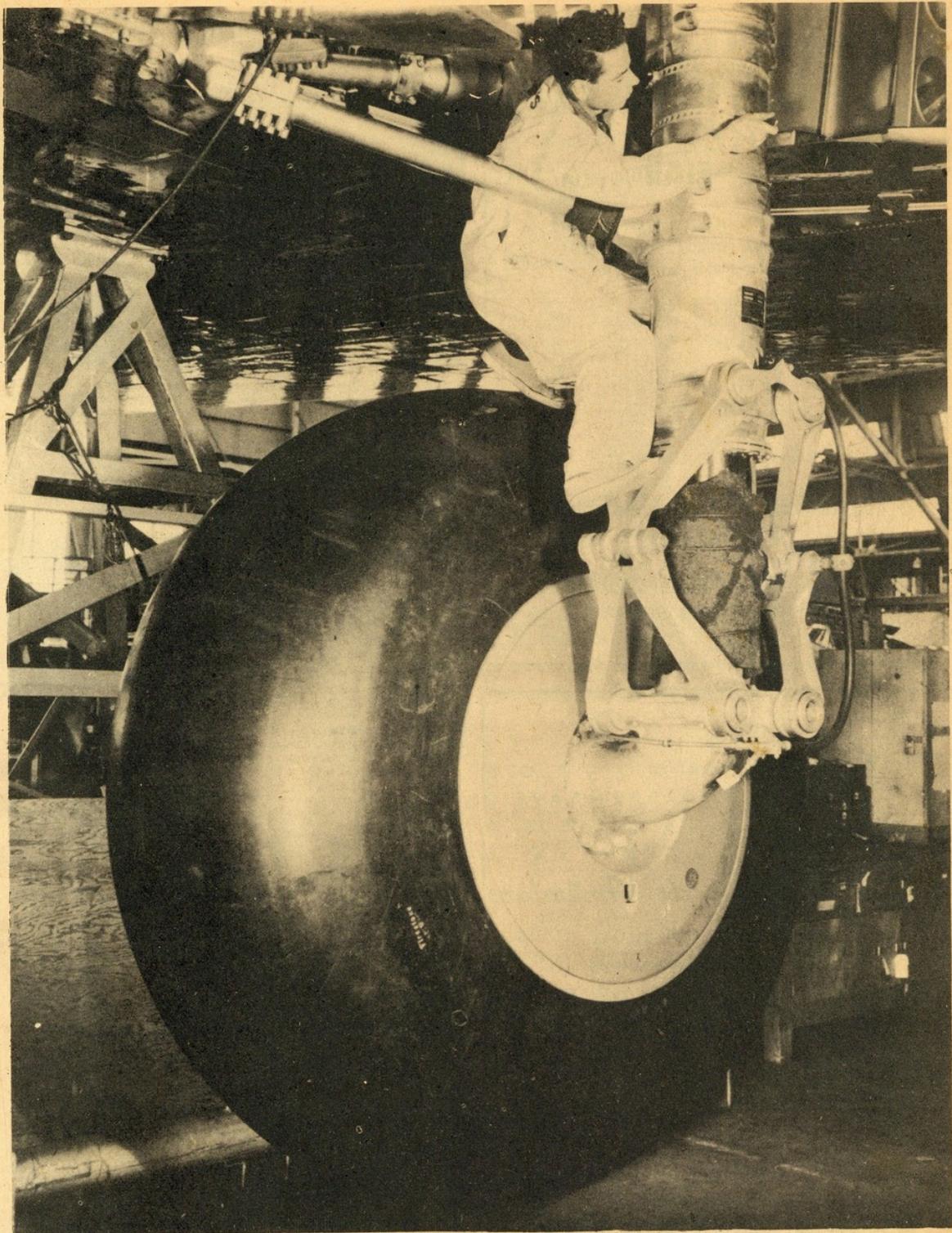
O ATENEU COMERCIAL DE LISBOA promoveu no seu salão uma sessão solene comemorativa do centenário de Antero de Quental. A foto mostra um aspecto da cerimónia durante a conferência do sr. Dr. António Sérgio sobre a vida e obra do grande poeta.



EM SANTARÉM, o sr. dr. Faria de Castro, do Instituto Português de Arqueologia, fez uma brilhante exaltação da Arte diante dos numerosos visitantes que se foram em romagem artística à igreja gótica da Graça.



A EMBaixADA da «Juventude Francesa» que veio a Portugal para participar num torneio com os atletas da «Mocidade Portuguesa» reunida nos jardins da Legação da França com o ministro do seu país.



Aviões americanos de bombardeamento

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

UM OPERÁRIO DUMA FÁBRICA do material aeronáutico na América do Norte procede a uma das últimas operações de montagem dum grande bombardeiro: Sob a asa do gigantesco aparelho, apoiado no pneumático — que é maior que o homem — ajusta o trem de aterragem retrável do monstro voador.